



FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA

BRAGANÇA
CLASSICFEST

Filipe
Pinto-Ribeiro
Director
Artístico

5^a EDIÇÃO

27 SET » 11 OUT 2025



Í N D I C E

APRESENTAÇÃO

- 4** **Paulo Xavier** Presidente da Câmara Municipal de Bragança
- 5** **João Cunha** Director do Teatro Municipal de Bragança
- 6** **Filipe Pinto-Ribeiro** Director Artístico do Bragança ClassicFest

CONCERTOS

- 8** **Concerto de Abertura** • Era de Ouro da Música Portuguesa
- 14** **Sinfonia Heróica de Beethoven** • Orquestra Sinfónica das Astúrias
- 18** **Schubert & Beethoven: Sinfonia & Concerto** • Orquestra Sinfónica das Astúrias
- 24** **Amores e Desamores do Barroco Italiano** • L'Amoureux Empire
- 30** **Schubertiada** • DSCH Schostakovich Ensemble
- 36** **Mosaico Moderno** • Quartz Quintet
- 44** **Schumann & Dvořák** • Juventus Ensemble
- 52** **Gala de Encerramento** • Orquestra Philharmonia Frankfurt

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

- 58** **Ensaio aberto** • Masterclasses
- 59** **Calendário Geral**
- 60** **Informações úteis**

A P R E S E N T A Ç Ã O

Entre 27 de Setembro e 11 de Outubro, Bragança será palco da quinta edição do **Bragança ClassicFest – Festival Internacional de Música**, um encontro que celebra a excelência artística e a força transformadora da música erudita.

Ao longo dos anos, o festival conquistou prestígio nacional e internacional, afirmando-se pela presença constante de intérpretes e compositores de renome, cujas carreiras são aclamadas tanto pela crítica especializada como pelo público. A programação, concebida com rigor e sensibilidade, oferece um panorama rico e diverso das grandes obras do repertório clássico, apresentadas em diálogo com novas leituras e interpretações, capazes de despertar conhecimento, criatividade e emoção em diferentes gerações de ouvintes.

Mais do que um ciclo de concertos, o Bragança ClassicFest é uma experiência estética e sensorial que aproxima públicos variados – famílias, jovens, estudantes e crianças – de um património musical universal. A transversalidade cultural e a ousadia artística que caracterizam o festival transformam a cidade num pólo de atracção criativa, projetando o território como espaço de encontro e de exigência cultural.

Num tempo em que se diluem princípios e referências, as artes assumem uma missão essencial: inspirar, aproximar e revelar novos significados. Nesse espírito, o festival, organizado pelo Município de Bragança / Teatro Municipal de Bragança e pela DSCH Associação Musical, sob a

direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro, valoriza a liberdade de expressão e promove a partilha entre culturas, reforçando a união e o diálogo entre povos.

Os concertos decorrerão em espaços de excepção, como o Teatro Municipal de Bragança, uma das mais conceituadas salas do país, mas também em locais de grande simbolismo patrimonial, como a Basílica de Santo Cristo de Outeiro e a Igreja de São Francisco, onde a arte se funde com a história e a espiritualidade.

Com um programa de excelência e a participação de artistas de projecção mundial, o Bragança ClassicFest afirma-se como um marco cultural ímpar, que celebra a música enquanto linguagem universal e que distingue Bragança como referência no panorama artístico contemporâneo.



Paulo Xavier
*Presidente da Câmara
Municipal de Bragança*

Símbolo da universalidade e do prestígio da música erudita, bem como do reforço da cultura como pilar fundamental do desenvolvimento humano e territorial, o **Bragança ClassicFest – Festival Internacional de Música** tem afinado sensibilidades, conquistado corações e respira com Bragança e com as suas Gentes. Neste quadro, o Teatro Municipal de Bragança orgulha-se de organizar e acolher a 5.^a edição do Bragança ClassicFest – Festival Internacional de Música, reconhecendo neste festival, não apenas um evento cultural de referência nacional e internacional, mas um verdadeiro caminho de beleza, de partilha e de celebração da arte, trilhado com excelência e com o desejo genuíno de levar a Cultura a todos.

Entre os dias 27 de Setembro e 11 de Outubro de 2025, o concelho de Bragança volta a ser palco privilegiado de encontros: entre som e silêncio, entre passado e presente, entre património, pessoas e música.

Sob a Direcção Artística de Filipe Pinto-Ribeiro, a presente edição propõe um itinerário sonoro de oito concertos, protagonizados por aclamados solistas, ensembles e orquestras, aos quais se somam actividades de formação e mediação de públicos, fazendo da música um gesto de aproximação e descoberta.

O Concerto de Abertura terá lugar na imponente Basílica de Santo Cristo de Outeiro, onde as notas do

Ensemble Arte Minima ecoarão entre pedra e céu. Seguir-se-ão, no Teatro Municipal de Bragança e na Igreja de São Francisco, momentos memoráveis com a Orquestra Sinfónica das Astúrias, o Ensemble L'Amoureux Empire, o DSCH – Schostakovich Ensemble, o Quartz Quintet, o Juventus Ensemble & Filipe Pinto-Ribeiro e a Orquestra Philharmonia Frankfurt.

Com sincera gratidão e inabalável sentido de missão de serviço público, o Teatro Municipal de Bragança agradece a todos os parceiros que tornam possível este festival, destacando Sua Excelência o Presidente da República, pelo Alto Patrocínio concedido – gesto que enobrece esta iniciativa e reafirma a Cultura como chave de desenvolvimento, de identidade e de sonho coletivo.



João Cunha
*Director do Teatro
Municipal de Bragança*

A P R E S E N T A Ç Ã O

Em 2025, ano em que celebra a sua 5.^a edição, o Festival Internacional de Música **Bragança ClassicFest** prossegue a sua missão de acesso democrático à excelência artística. Desde 2021, o Festival tem proporcionado concertos memoráveis, esgotados por um público entusiasta e multigeracional, com a presença de algumas das melhores orquestras internacionais – de Viena, Paris, São Petersburgo, Veneza –, de grandes nomes da cena musical mundial – Anna Samuil, Gérard Caussé, Diana Tischenko, Mario Hossen, Pascal Moraguès, Victor Julien-Laferrière, entre outros –, bem como de artistas incontornáveis do panorama nacional – como António Victorino d’Almeida, Pedro Caldeira Cabral e Sete Lágrimas – e de alguns dos maiores talentos das novas gerações.

Entre **27 de Setembro e 11 de Outubro**, Bragança volta a ser epicentro da música clássica, com a realização do 5.^o Bragança ClassicFest, reconhecido nacional e internacionalmente como evento de referência no panorama cultural, celebrando a excelência musical em comunidade e contribuindo para a vitalidade e o desenvolvimento de uma região única, plena de encantos e de potencial.

Uma das grandes novidades desta edição é a **descentralização da programação** no Município de Bragança: o Concerto de Abertura terá lugar na **Basilica de Santo Cristo de Outeiro**, monumento nacional

desde 1927 e única Basílica localizada numa aldeia portuguesa. No dia 27 de Setembro, o prestigiado ensemble **Arte Minima**, sob a direcção de **Pedro Sousa Silva**, apresentará o programa *A Era de Ouro da Música Portuguesa*, dedicado a compositores dos séculos XVI e XVII.

Também pela primeira vez, o **Teatro Municipal de Bragança** acolherá três grandes concertos orquestrais. Dois deles estarão a cargo da **Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias** (OSPA), que regressa ao Festival depois do grande sucesso obtido em 2023. Sob a direcção do seu maestro titular, **Nuno Coelho**, a OSPA é a protagonista do Concerto do Dia Mundial da Música, 1 de Outubro, com a Abertura da Ópera *A Flauta Mágica* de Mozart e a célebre Sinfonia “Heróica” de Beethoven, prosseguindo assim a Integral das Sinfonias do “génio de Bona” iniciada na 3.^a edição do Festival. Segue-se, a 2 de Outubro, um programa com duas obras-primas do Romantismo Musical: a Sinfonia “Inacabada” de Schubert e o Triplo Concerto de Beethoven.

Outro momento muito aguardado é o concerto de dia 11 de Outubro da **Orquestra Philharmonia Frankfurt**, em estreia em Portugal, sob a direcção do maestro **Juri Gilbo** e com o solista **Vladislav Lavrik**, um dos maiores trompetistas da actualidade, também em estreia no nosso país – encerrando assim o Festival com chave de ouro.

Entre os grandes músicos desta edição, destacam-se a violinista suíça **Esther Hoppe**, que tocará o seu violino Stradivarius “De Ahna” de 1722, o violetista norueguês **Lars Anders Tomter** e o violoncelista suíço **Christian Poltéra**, protagonistas do concerto do consagrado **DSCH Schostakovich Ensemble**, no dia 4 de outubro.

O Festival reforça ainda o diálogo entre **Música e Património** – marca importante do ClassicFest desde a 1.^a edição – com três concertos na **Igreja de São Francisco**: no dia 3 de Outubro, o **Ensemble L’Amoureux Empire** (1.^o Prémio de Música Barroca no Prémio Jovens Músicos 2024) apresenta um concerto dedicado ao repertório do Barroco italiano; a 9 de Outubro, o **Quartz Quintet**, liderado pelo violinista brigantino David Seixas, que propõe uma viagem de Piazzolla ao século XXI; e, no dia 10 de Outubro, o **Juventus Ensemble**, revela um programa com duas obras-primas da música de câmara com o Quarteto “Americano” de Dvořák e o Quinteto de Schumann.

Paralelamente, o Bragança ClassicFest prossegue o seu **eixo pedagógico**, promovendo masterclasses no Conservatório de Música e Dança de Bragança e ensaios abertos no Teatro Municipal, dirigidos a músicos e estudantes da região.

Um agradecimento especial a todos os que tornam possível o

Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest, começando pela **Câmara Municipal de Bragança**, **Teatro Municipal de Bragança** e **DSCH Associação Musical**, promotores e organizadores desta iniciativa louvável, e pelo mecenas do festival, **BPI/Fundação “la Caixa”**. Agradeço ainda o apoio da **Direcção-Geral das Artes**, da **Diocese de Miranda-Bragança**, do parceiro media **RTP Antena 2** e, especialmente, a **Sua Excelência o Presidente da República**, pelo Alto Patrocínio novamente concedido.

Sejam bem-vindos à 5.^a edição do **Bragança ClassicFest**, evento cultural de referência que celebra a música clássica com paixão e excelência – **de Bragança para o mundo!**



Filipe Pinto-Ribeiro
Director Artístico do
Bragança Classic Fest

27 SETEMBRO • SÁBADO • 18H
BASÍLICA DE SANTO CRISTO DE OUTEIRO
CONCERTO DE ABERTURA

A Era de Ouro da Música Portuguesa

ENSEMBLE ARTE MINIMA

PEDRO SOUSA SILVA Flautas e Direcção Musical
IRENE BRIGITTE Soprano • **ANA ROSA** Soprano e Alto
FÁTIMA NUNES Soprano e Alto • **NUNO RAIMUNDO** Tenor
MIGUEL BARREIRA Barítono • **LUÍS NEIVA** Baixo
ANTÓNIO GODINHO Flautas • **CARLOS SÁNCHEZ** Flautas
TIAGO SIMAS FREIRE Flautas

PROGRAMA

Vicente Lusitano (ca. 1520–ca. 1561)	Præter rerum seriem
Manuel Rebelo (ca. 1545–ca. 1647)	Kyrie, de Missa Suscipe verbum virgo Maria
Anónimo do manuscrito P–Pm MM 40 (ca. 1585)	Ave sanctissima Maria
Vicente Lusitano	Clamabat autem
Estêvão Lopes Morago (ca. 1620)	Exurge quare
Vicente Lusitano	Crux et Virga
Manuel Rebelo (ca. 1545–1647)	Sanctus, de Missa Suscipe verbum virgo Maria
Vicente Lusitano	Vidi civitatem
Estêvão Lopes Morago	Parce mihi domine
Anónimo do manuscrito P–Pm MM 40	Virgo prudentissima
Manuel Rebelo	Agnus dei, de Missa Suscipe verbum virgo Maria

NOTAS AO PROGRAMA

“A Era de Ouro da Música Portuguesa” propõe um percurso pela exuberância da música sacra portuguesa entre finais do século XVI e o início do XVII, através de obras de Vicente Lusitano, Manuel Rebelo, Estêvão Lopes Morago e autores anónimos do manuscrito P-Pm MM 40.

No centro do programa está Vicente Lusitano (ca. 1520 – depois de 1561), um dos mais singulares e misteriosos compositores portugueses de sempre. A sua música, embora ainda pouco conhecida, revela um domínio impressionante da escrita polifónica, aliando uma grande expressividade melódica a uma tessitura contrapontística densa e refinada. Obras como *Clamabat autem*, *Crux et Virga* e *Vidi civitatem* atestam não apenas o seu virtuosismo técnico, mas também a sua capacidade de aliar tradição e inovação, situando-se no contexto da *musica reservata*, prática devocional intimista destinada a pequenos círculos de intérpretes e ouvintes cultos.

A prática musical da época sugeria frequentemente uma divisão de funções entre vozes e instrumentos suaves, como flautas e violas, algo que este programa explora, tendo em conta as características específicas do repertório de Lusitano: melismas extensos, cadências ornamentadas e a presença de segmentos sem texto apontam para uma flexibilidade interpretativa onde o vocal e o instrumental se entrelaçavam.

Manuel Rebelo (ca. 1545–1647), mestre de capela da Sé de Évora

a partir de 1596, representa uma nova geração que, sem abandonar o rigor polifónico, incorporou um sentido renovado de fluidez formal e expressão textual. A Missa que apresentaremos, sem designação no original e aqui representada pelos seus três momentos principais (*Kyrie*, *Sanctus* e *Agnus Dei*), revela um engenhoso tratamento imitativo e uma articulação clara do discurso litúrgico, característicos da maturidade do estilo português tardo-renascentista.

A origem do material musical utilizado por Rebelo nesta missa revela uma cadeia de influências que atravessa três gerações de compositores europeus. O ponto de partida é o moteto *Præter rerum seriem*, composto por Josquin des Prez e publicado em 1519 e sobre o qual vários compositores, entre os quais Vicente Lusitano, escreveram recomposições. Este moteto inspirou, cerca de meio século depois, a composição do moteto *Suscipe verbum Virgo Maria* de Giovanni Pierluigi da Palestrina (1569), que reelabora livremente o material de Josquin, adaptando-o ao estilo claro e sereno da escola romana. A nossa análise revela que Manuel Rebelo baseia a sua missa directamente neste moteto de Palestrina, não no original de Josquin. A Missa *Suscipe verbum virgo Maria* é assim uma missa de paródia que desenvolve motivos extraídos do moteto de Palestrina, estabelecendo uma ligação indireta entre Rebelo e Josquin, mediada pela reelaboração de Palestrina.

Estêvão Lopes Morago (ca. 1575 – ca. 1630) é outro dos compositores presentes. Activo em Viseu, Morago é considerado um dos mestres da transição entre o Renascimento e o Barroco ibérico. As suas peças *Exurge quare* e *Parce mihi Domine* demonstram uma notável capacidade de síntese: a densidade expressiva é aqui obtida através de meios formais mais concisos e diretos, apontando para novas sensibilidades musicais emergentes no início do século XVII.

Um lugar de destaque é reservado às obras anónimas preservadas no manuscrito P-Pm MM 40, pertencente à Biblioteca Pública Municipal do Porto. Este manuscrito, datável de cerca de 1585, constitui uma fonte fundamental para a compreensão do repertório sacro português da época. Os motetos *Ave sanctissima Maria* e *Virgo prudentissima*, seleccionados para este programa, exemplificam uma estética de intensa devoção mariana, traduzida numa escrita de grande elegância melódica e sobriedade contrapontística. A simplicidade destas obras, longe de significar pobreza técnica, evidencia antes uma depuração estilística que corresponde a um ideal de clareza e interioridade espiritual.

O manuscrito P-Pm MM 40 é revelador da riqueza e variedade do ambiente musical português do final do século XVI. Nele coexistem práticas tradicionais e tendências inovadoras, testemunhando a vitalidade de centros musicais como Évora, Lisboa e Coimbra. A inclusão destas peças anónimas neste programa permite alargar o olhar sobre a produção musical portuguesa, para além dos

nomes consagrados, e reconhecer a densidade cultural de um tempo em que a música se constituía como forma privilegiada de meditação e transcendência.

Este concerto propõe assim um percurso por diferentes rostos da polifonia portuguesa, do esplendor intelectual de Lusitano à sensível expressividade de Rebelo, da síntese emocional de Morago à pureza devocional dos anónimos de P-Pm MM 40. Um retrato multifacetado de uma época em que a música sacra portuguesa se afirmava, com voz própria, no panorama europeu.

Pedro Sousa Silva

BIOGRAFIAS

ARTE MINIMA

Fundada em 2011 por Pedro Sousa Silva, Arte Minima é um ensemble português especializado na interpretação da música dos séculos XV, XVI e XVII, com especial foco na redescoberta do património musical português. Trabalhando directamente a partir das fontes originais e sem mediação de transcrições modernas, o grupo adopta uma abordagem filológica que abrange teoria musical, instrumentos e práticas de afinação históricas, numa busca contínua por compreender e recriar as linguagens musicais do passado.

Arte Minima tem vindo a apresentar programas inovadores em diversos festivais de referência nacionais. Recentemente, iniciou também uma actividade regular em palcos internacionais, com actuações em Madrid (Festival Internacional de Arte Sacro, 2024), Helsínquia (Aurore Festivaali, 2025) e, em Junho de 2025, na Fondazione Turchini, em Nápoles.

A discografia da Arte Minima inclui *In Splendoribus* (2021), dedicado a composições inéditas das Sés de Braga e Mosteiro de São Bento da Vitória no Porto, e Francisco de Santa Maria – Missa O Beata Maria (2023), lançado pela prestigiada editora Pan Classics. Em 2025 Arte Minima iniciou a publicação da integral dos motetes de Vicente Lusitano (*Liber Primus Epigramatum* 1551), igualmente pela Pan Classics, num projecto faseado até 2026.

O trabalho da Arte Minima tem sido reconhecido e apoiado por diversas entidades, entre as quais Direcção-Geral das Artes, Fundação GDA, Câmara Municipal do Porto, Caixa Geral de Depósitos (Prémio Caixa Cultura), Conselho de Coordenação da Região Norte (CCRDN) Direcção Regional de Cultura do Norte, Centro de Estudos em Música (CESEM), Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE-IPP), Instituto Politécnico do Porto, o

PORTIC – Porto Research, Technology & Innovation Center e Antena 2.





PEDRO SOUSA SILVA

Enquanto intérprete especializado nos repertórios medieval, renascentista e barroco, Pedro Sousa Silva possui uma carreira de mais de 25 anos. Após estudos musicais com Pedro Couto Soares (ESML) e Pedro Memelsdorff (Civica Scuola di Musica di Milano), musicologia (Universidade Nova de Lisboa), realizou um doutoramento na Universidade de Aveiro com uma tese que aborda a interacção entre teoria e prática no renascimento.

Realizou cerca de 200 concertos na maior parte dos países da Europa ocidental e Brasil, sempre no contexto de grupos especializados na interpretação histórica, destacando-se as suas colaborações com músicos de renome como Enrico Onofri, Riccardo Minasi, Lawrence Cummings ou Amandine Beyer. Actualmente, desenvolve a maior parte da sua actividade artística com o seu grupo Arte Minima (dedicado à música portuguesa do século XVI), com a orquestra barroca Gli Incogniti (dir.

Amandine Beyer), onde actua como solista num programa em torno dos concertos de J. S. Bach, e com o grupo medieval Vozes Alfonsinas (dir. Manuel Pedro Ferreira).

É professor na ESMAE desde 2002, onde foi co-responsável pela criação do Curso de Música Antiga e fundador da pós-graduação Polyphonia. É convidado regular das mais prestigiadas instituições musicais internacionais para dar masterclasses de flauta ou seminários sobre aspectos relacionados com a interpretação do repertório renascentista (e.g. Schola Cantorum Basiliensis, Universität für Musik und darstellende Kunst Wien, Joseph Haydn Konservatorium, Koninklijk Conservatorium Brussel, Norges Musikkhøgskole, Akademie für Alte Musik Bremen, Hochschule für Musik Trossingen, Universidade Estadual de São Paulo).

Enquanto académico promove uma forte articulação entre investigação histórica e performance, e é nessa perspectiva que integra actualmente 3 equipas de investigação internacionais em temáticas medievais e renascentistas.

Desde 2007 que desenvolve também actividade no campo da produção discográfica, tendo produzido e editado os CDs Arte da Usurpação (Phonoedition 2007) e The Bad Tempered Consort (Challenge Classics 2009) do grupo A Imagem da Melancolia (este eleito pelo Público como um dos melhores 10 discos de música clássica desse ano), Volúpia (Numérica 2012) do Ensemble Darcos (música de Nuno Côrte-Real); Royne des Fleurs (CESEM-P.Porto 2021) do ensemble Sesquialtera e In Splendoribus (musicusminusculus 2021) do grupo Arte Minima.



1 OUTUBRO · 4ª FEIRA · 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA
DIA MUNDIAL DA MÚSICA

A Sinfonia Heróica de Beethoven

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PRINCIPADO DAS ASTÚRIAS
NUNO COELHO Direcção Musical

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart
(1756–1791)

Abertura da Ópera
“A Flauta Mágica”, KV 620

Ludwig Van Beethoven
(1770–1827)

Sinfonia N.º 3, Opus 55, “Heróica”
1. Allegro con brio
2. Marcia funebre. Adagio assai
3. Scherzo. Allegro vivace – Trio
4. Finale. Allegro molto

NOTAS AO PROGRAMA

No dia 17 de Dezembro de 1770 era baptizado, na cidade de Bonn (Alemanha), um dos mais emblemáticos vultos da história da música ocidental: Ludwig van Beethoven. Envolto (talvez ainda hoje) numa aura quase mítica, a sua vida viria a ser intensamente marcada pela peculiaridade dos seus métodos de trabalho, pelo isolamento soturno causado pela surdez e pela total e absoluta dedicação à sua arte. Morreu no dia 26 de Março de 1827, com cinquenta e seis anos de idade, em Viena (cidade onde se tinha definitivamente estabelecido em 1792). Apesar de construída de

acordo com os princípios, géneros e estilos do período Clássico, na obra de Beethoven verifica-se a transformação e a expansão da herança de compositores como Joseph Haydn (1732–1809) e Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791), cuja abertura da ópera *Flauta Mágica* também se ouvirá no presente concerto comemorativo do Dia Mundial da Música. Prosseguindo o ciclo da apresentação integral das sinfonias de Beethoven (iniciado na edição de 2023 do Bragança ClassicFest), será interpretada a *Sinfonia n.º 3*, Op. 55, “Heróica”, obra fundamental para a compreensão da transição para o Romantismo.

No contexto iluminista setecentista da Franco-Maçonaria, a música era tida como um dos sete pilares de conhecimento capazes de garantir o equilíbrio da alma: havia que estudá-la, interpretá-la e, finalmente, extrair dessa arte axiomas gerais de valor universal para todos os homens. Ainda que ofereça inúmeras possibilidades de interpretação em termos maçónicos, a ópera *Flauta Mágica* não foi directamente concebida por Mozart enquanto peça destinada ao âmbito da actividade maçónica do compositor. De qualquer forma, pode afirmar-se que a obra se apresenta como uma alegoria sobre a jornada de peregrinação e de engrandecimento espiritual ao alcance dos que buscam a virtude, a sabedoria e a verdade. Composta em 1791 e estreada no dia 30 de Setembro desse ano (cerca de dois meses antes da morte do mestre vienense), trata-se de um *Singspiel* (pelo recurso a diálogos falados) em dois actos, com libreto em alemão da autoria de Emanuel Schikaneder (1751–1812). A abertura (escrita na tonalidade de Mi bemol Maior, que corresponde a uma armação de clave com três bemóis) inicia-se com três acordes solenes e imponentes que lançam uma breve introdução lenta (a recorrência do número três – que acarreta simbolismo maçónico – verifica-se ao longo de toda a ópera, em vários elementos do argumento: os três rapazes, as três damas, os três sacerdotes, os três templos, as três pancadas na porta...). Segue-se uma secção em *Allegro* que se destaca pela sua complexidade contrapontística e evidencia o talento de Mozart para a orquestração, através de jogos imitativos constantes entre os vários naipes.

Pouco mais de uma dúzia de anos separa a *Flauta Mágica* da *Sinfonia n.º 3*, Op. 55, “Heróica” de Beethoven: composta entre os anos de 1803 e 1804, a sinfonia teve a sua primeira apresentação pública no dia 7 de Abril de 1805, no Teatro de Viena, sob a direcção do próprio compositor. A força da obra, o alcance da sua expansão, a sua quase desconcertante originalidade, bem como o nível de assertividade técnica patente na partitura, tornam-na, com efeito, num marco na transição do Classicismo para o Romantismo e na história do próprio género sinfónico. Ao longo dos quatro andamentos que compõem a peça, conseguimos compreender que Beethoven aperfeiçoou, aqui e de uma só vez, o seu novo «ideal sinfónico» (celebrado, posteriormente, nas suas quinta, sexta, sétima e nona sinfonias). Para o sucesso desta sinfonia concorre igualmente a forma bem-sucedida como incorpora (ou parece reflectir) conteúdo programático extramusical. Concebida como tributo à acção do jovem revolucionário francês Napoleão Bonaparte (1769–1821), Beethoven acabaria por dedicar a obra ao príncipe Franz Joseph von Lobkowitz (1772–1816), movido pela forte desilusão sofrida com o episódio da autoproclamação de Napoleão enquanto Imperador de França a 14 de Maio de 1804. Para Beethoven, a Música não consistia, portanto, apenas na forma suprema de expressão artística mas também num veículo ao serviço da ética, tanto individual como colectiva.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PRINCIPADO DAS ASTÚRIAS

A Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias nasceu em 1991 sob os auspícios do Governo do Principado das Astúrias, com o objectivo prioritário de enriquecer musical e culturalmente aquela região. Tem como Presidente Honorário o Rei Felipe VI de Espanha. É uma Organização Autónoma do Ministério da Educação e Cultura e é membro da Asociación Española de Orquestas Sinfónicas (AEOS).

Herdeira da antiga Orquestra Sinfónica Provincial, cujas origens remontam a 1939 e da Orquestra Sinfónica de Astúrias, a Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias é uma orquestra de referência pela sua versatilidade, capacidade interpretativa e qualidade indiscutível.

É composta por sessenta e nove músicos oriundos da União Europeia, Rússia, Estados Unidos e América Latina. A sua principal actividade gira em torno das temporadas de concertos apresentadas anualmente em Oviedo e Gijón. Por lá

passaram alguns dos solistas e maestros mais relevantes da cena internacional, entre os quais os seus próprios maestros titulares, Jesse Levine, Maximiano Valdés, Rossen Milanov e Nuno Coelho, que assumiu o cargo de maestro titular e director artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias em 2022.

A Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias participa todos os anos no concerto da cerimónia de entrega do Prémio Princesa de Astúrias e no tradicional Concerto de Natal, este último em estreita colaboração com o Coro da Fundación Princesa de Astúrias. De salientar também a sua importante participação na temporada de ópera da Asociación Asturiana de Amigos de la Ópera.

A OSPA também desenvolve um intenso trabalho pedagógico e social nas Astúrias que tem vindo a expandir horizontes ano após ano.

Fora do Principado, apresentou-se nos mais importantes festivais, auditórios e salas de Espanha. Das suas participações internacionais, importa destacar os concertos realizados no México, Chile, França, China, Bulgária e Vaticano.

A sua discografia iniciou-se com obras de temática ou de autores asturianos, como Benito Lauret, Julián Orbón e Ramón Prada. Gravou para editoras como ARTEK, Classic Concert Records, Channel Classics ou NAXOS, tendo obtido, com esta última, excelentes críticas às suas gravações de Manuel de Falla e Joaquín Rodrigo.

@ANDREJ GRILC



NUNO COELHO

Nuno Coelho é Maestro Titular e Director Artístico da Orquestra Sinfónica del Principado de Astúrias, em Espanha, desde Outubro de 2022.

Além dos concertos em Oviedo, a temporada 23/24 marcou a sua estreia com a Radio Filarmónica dos Países Baixos, a HR – Sinfonieorchester de Frankfurt, a Orquestra Sinfónica de São Paulo e a Orchestre Philharmonique Royal de Liège, regressando ainda à Orchestre Philharmonique du Luxembourg e à Orquestra Gulbenkian. Posteriormente, regressou à Antwerp Symphony, à Tampere Philharmonic e à Orquestra Nacional de España, e estreou-se com a Stavanger Symphony e a Minnesota Orchestra.

Entre os destaques das últimas duas temporadas contam-se concertos com a Royal Concertgebouw Orchestra, BBC Scottish Symphony, Helsinki Philharmonic, Dresden Philharmonie, Staatsorchester Hannover, Gävle Symfoniorkester, Malmö Symphony, Residentie Orkest,

Orchestre Philharmonique de Strasbourg, Orquestra Sinfónica de Galicia e Orquestra Sinfónica de Barcelona.

No repertório lírico, Nuno dirigiu produções de La traviata, Cavalleria rusticana, Hänsel und Gretel, Rusalka e Manon. Em Novembro de 2022 dirigiu a sua própria encenação da recriação de Don Giovanni por José Saramago, na Gulbenkian, tendo anteriormente dirigido nessa mesma instituição uma versão semi-encenada de

Così fan tutte na temporada anterior.

Nuno Coelho venceu o Primeiro Prémio do Concurso Internacional de Direcção de Cadaqués em 2017 e, desde então, dirigiu a Royal Liverpool Philharmonic, BBC Philharmonic, Symphoniker Hamburg, Orquestra Sinfónica de Castilla y León, Noord Nederlands Orkest e Orchestra Teatro Regio Torino.

Foi Dudamel Fellow da Los Angeles Philharmonic entre 2018 e 2019, e nessa mesma temporada substituiu Bernard Haitink na sua estreia com a Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks.

Natural do Porto, Nuno estudou direcção na Zürcher Hochschule der Künste com Johannes Schlaefli e venceu o Prémio Neeme Järvi no Festival Menuhin de Gstaad. Em 2015 foi admitido no Dirigentenforum do Conselho Alemão de Música e, nos dois anos seguintes, foi simultaneamente Tanglewood Conducting Fellow e Maestro Assistente da Netherlands Philharmonic.

@GAUDIUMPRESS IMAGES



2 OUTUBRO • 5ª FEIRA • 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

Schubert & Beethoven: Sinfonia & Concerto

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PRINCIPADO DAS ASTÚRIAS

NUNO COELHO Direcção Musical

ESTHER HOPPE Violino

CHRISTIAN POLTÉRA Violoncelo

FILIPE PINTO-RIBEIRO Piano

PROGRAMA

Franz Schubert
(1797-1828)

Sinfonia N.º 8, D. 759, "Inacabada"

1. Allegro moderato
2. Andante con moto

Ludwig Van Beethoven
(1770-1827)

Triplo Concerto, Opus 56

1. Allegro
2. Largo
3. Rondo alla Polacca

NOTAS AO PROGRAMA

No final do século XVIII, a sinfonia tornou-se no principal meio de transmissão da música orquestral, convertendo-se, sobretudo a partir de Beethoven (1770-1827), num dos mais elevados e celebrados géneros musicais e numa forma de projecção (até dos pontos de vista social ou institucional) das aspirações e crenças de compositores, intérpretes e públicos. A geração de sinfonistas do começo do século XIX acabaria por desenvolver a sua actividade na sombra do legado de Haydn (1732-1809) e Mozart (1756-1791) e, inevitavelmente, de Beethoven, cuja magnitude das suas conquistas no que respeita ao

género sinfónico haveria de exercer uma profunda influência (quase opressiva) junto dos seus pares. Assim aconteceu também com Franz Schubert (1797-1828), o mais relevante compositor entre os contemporâneos de Beethoven.

Schubert começou a explorar o domínio da música sinfónica com uma idade relativamente precoce: tinha dezasseis anos quando escreveu, em 1813, a sua primeira sinfonia (D. 82). Haveria de escrever oito (às quais acrescem vários esboços ou fragmentos que têm conferido, aliás, alguma ambiguidade relativamente à numeração atribuída

às sinfonias do compositor), das quais se destacam as duas últimas, a *Sinfonia n.º 8*, "Inacabada", D. 759 e a *Sinfonia n.º 9*, "A Grande", D. 944 (também frequentemente referidas como sinfonias n.ºs 7 e 8, respectivamente). O manuscrito da "Inacabada" – datado de Outubro de 1822 – foi descoberto muitos anos após a morte de Schubert, em 1865, tendo a peça sido estreada no dia 17 de Dezembro do mesmo ano, sob a direcção de Johann von Herbeck (1831-1877), mestre de capela da corte de Viena. O nome pelo qual a obra ficaria conhecida deve-se ao facto da partitura integrar apenas dois andamentos completos (e não os habituais quatro): o motivo pelo qual Schubert não concluiu a partitura permanece um mistério. Escritos em tonalidades contrastantes, os dois andamentos têm indicações de *tempo* semelhantes (o primeiro é rápido mas *moderato*; o segundo é lento mas *con moto*), o que confere à peça uma certa unidade. A obra demarca-se pelo apelo irresistível das suas melodias, pelo requinte da orquestração e pela riqueza e subtilidade reveladas no tratamento da harmonia, o que a coloca entre os melhores exemplos da sinfonia do primeiro Romantismo.

O concerto ocupou, nomeadamente a partir de Mozart, uma posição equiparável à sinfonia ou ao quarteto de cordas na perspectiva do alcance da sua expressão artística, consistindo, do ponto de vista formal, numa síntese entre práticas que remontavam à tradição barroca (como o *ritornello*) e o esquema clássico da forma sonata. Por outro lado, as possibilidades que o concerto oferecia – inerentes à exploração do jogo de forças entre solista (ou solistas) e orquestra – haveriam de continuar a servir idealmente as ambições expressivas dos compositores

do Romantismo. No que respeita ao número de solistas, tinha-se verificado um declínio progressivo e generalizado do concerto grosso (com forte tradição no período Barroco), ainda que algumas das suas características tenham sido integradas numa forma que assimilava elementos da sinfonia e do concerto, a sinfonia concertante (mais próxima, na prática, de um concerto composto, na maior parte das vezes, para dois, três ou quatro solistas). O concerto escrito para um único solista haveria, contudo, de prevalecer durante grande parte do século XIX, mas para a história ficariam obras fundamentais como a *Sinfonia Concertante em Mi bemol*, K. 364, de Mozart, o *Triplo Concerto*, Op. 56 de Beethoven e o *Duplo Concerto*, Op. 102 de Johannes Brahms (1833-1897).

Publicado em 1807 (com dedicatória ao Príncipe Lobkowitz), o *Triplo Concerto* de Beethoven foi a única peça do género que o compositor escreveu para mais do que um solista (para além deste, assinou cinco concertos para piano e um para violino). Para o efeito, Beethoven escolheu como trio solista a formação violino-violoncelo-piano, sendo curioso reparar que tinha sido justamente esta a combinação eleita pelo compositor (ainda que no âmbito da música de câmara) para inaugurar o seu catálogo: o seu Opus 1, publicado em 1795, inclui três trios para a referida formação. A partitura do concerto é composta de acordo com o habitual esquema em três andamentos, não se verificando interrupção entre o segundo e o terceiro, um *Rondo alla Polacca* onde as passagens virtuosísticas de cada solista se evidenciam com maior frescura e fulgor.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

ESTHER HOPPE

A violinista suíça Esther Hoppe detém uma excelente reputação internacional, enquanto solista e pedagoga.

Após estudar em Basileia, Filadélfia (no Curtis Institute of Music), Londres e Zurique, Esther ganhou o 1.º Prémio na oitava edição do prestigiado Concurso Internacional de Mozart, em Salzburgo. Pouco depois, fundou o Trio Tecchler, vencedor de vários prémios em importantes concursos, como o 1.º Prémio do Concurso ARD de Munique, em 2007.

Apresenta-se frequentemente como solista, acompanhada com algumas das mais prestigiadas orquestras europeias como Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Münchener Kammerorchester, Orchestre Les Siècles Paris, Kammerorchester Basel, Zürcher Kammerorchester, entre outras.

A sua intensa atividade concertística estende-se também à música de câmara, onde os seus parceiros de incluem músicos como Clemens e Veronika Hagen, Nicolas Altstaedt, Vilde Frang, Heinz Holliger, Elisabeth Leonskaja, Alexander Lonquich, Filipe Pinto-Ribeiro, Lars Anders Tomter, Christian Poltéra e Ronald Brautigam.

Esther Hoppe é convidada regular de festivais internacionais de grande reputação, como Lockenhaus, Ernen, Luzern, Gstaad, Delft, Prussia Cove e Styriarte.

Gravou diversos CD aclamados pela crítica, para as editoras Virgin Classics, Neos, Concertus Records e Ars Musici.

Desde 2013, é Professora de Violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo, na Áustria.

Esther Hoppe toca com o violino Stradivarius “De Ahna”, construído em 1722.



© IRENE ZANDEL

© IRENE ZANDEL

**CHRISTIAN POLTÉRA**

Um dos mais requisitados violoncelistas da atualidade, Christian Poltéra nasceu em Zurique.

Foi discípulo de extraordinários professores, como Boris Pergamenschikow e Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena.

Como solista, toca frequentemente com algumas das principais orquestras mundiais, como a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, tendo trabalhado sob a direcção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner, entre outros.

Dedica-se também intensamente à música de câmara, em parceria com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther

Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Aurny e Zehetmair.

Juntamente com o violinista Frank Peter Zimmermann e o violoncelista Antoine Tamestit, Christian Poltéra é fundador e membro do famoso Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiadas salas de concertos e festivais por toda a Europa.

Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi seleccionado como um dos Artistas da Nova Geração da BBC Radio 3.

É convidado regular dos festivais mais prestigiados - como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena - e estreou-se nos BBC Proms em 2007.

A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu amplo e variado repertório, incluindo concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert.

Christian Poltéra é Professor de Violoncelo na Universidade de Lucerna e toca com o famoso violoncelo Stradivarius “Mara”, construído em 1711.

FILIPE PINTO-RIBEIRO

Filipe Pinto-Ribeiro é amplamente reconhecido como um dos mais destacados artistas portugueses das últimas décadas, tendo alcançado notável projecção internacional enquanto pianista solista, músico de câmara e director artístico.

Natural do Porto, diplomou-se e doutorou-se pelo Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou durante 5 anos sob a orientação da prestigiada pedagoga Lyudmila Roschina. Desde então, tem desenvolvido uma carreira intensa, apresentando-se nas mais reputadas temporadas de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceânia.

Apelidado de “poeta do piano”, distingue-se pela mestria com que percorre um repertório vastíssimo, moldando-se de forma camaleónica a estéticas como o barroco, o romantismo e a música contemporânea – sendo dedicatário de obras de vários compositores portugueses e estrangeiros. A sua discografia a solo – composta por cinco CDs – testemunha a sua versatilidade artística e inclui obras de Bach a Ravel, de Beethoven a Mussorgsky, de Debussy a Prokofiev.

Enquanto solista, apresentou-se com as principais orquestras portuguesas, bem como com formações de referência de vários países europeus e americanos. Apaixonado pela música de câmara, tem colaborado com muitos dos mais relevantes intérpretes da actualidade.

Um marco decisivo do seu percurso artístico foi a fundação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble, do qual é director artístico.

A discografia do ensemble inclui a 1.ª gravação mundial da integral da música de câmara com piano de Schostakovich, bem como os Trios Op. 11 e 38 de Beethoven, álbuns amplamente elogiados pela crítica especializada. Foi também a partir do DSCH que criou, em Lisboa, em 2015, o Verão Clássico, considerado um dos mais relevantes festivais e academias a nível mundial.

A sua criatividade como director artístico e curador tem-no levado a liderar inúmeros projectos nas últimas duas décadas, sendo actualmente director artístico do Festival dos Capuchos e curador do Ciclo Musical-Mente, no Teatro Nacional São João, no Porto.

Firme defensor e promotor das novas gerações de músicos, foi Professor de Piano durante uma década em universidades portuguesas, orienta regularmente masterclasses e fundou, em 2022, o Juventus Ensemble, que junta músicos consagrados a jovens talentos emergentes.

Em 2014, foi distinguido com o título oficial de “Steinway Artist” pela prestigiada marca de pianos Steinway & Sons, sendo o único pianista português detentor desta nomeação.

Desde 2021, é director artístico do Festival Internacional Bragança ClassicFest.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PRINCIPADO DAS ASTÚRIAS

Ver página 16

NUNO COELHO

Ver página 17

© RITA CARMO



BRAGANÇA
CLASSICFEST

3 OUTUBRO • 6ª FEIRA • 21H
IGREJA DE SÃO FRANCISCO

Amores e Desamores do Barroco Italiano

ENSEMBLE L'AMOUREUX EMPIRE

RAQUEL MENDES Soprano

RAFAELA SALGADO Cravo

PROGRAMA

Barbara Strozzi (1619–1677)	L'Eraclito Amoroso Lagime mie
Antonia Bembo (1640–1720)	In amor ci vuol ardir
Sigismondo d'India (1582–1629)	Intenerite voi
Luigi Rossi (1597–1653)	Gelosia ch'a poco a poco
Girolamo Frescobaldi (1583–1643)	Toccata VII
Antonia Bembo	Habbi pietà di me
Sigismondo d'India	Lamento di Didone
Claudio Monteverdi (1567–1643)	Volgio di vita uscir

NOTAS AO PROGRAMA

No acto de criação artística (como na vida...), o amor e o desamor foram sempre solo fértil para momentos prodigiosamente reveladores. No caso particular da música do período Barroco, verificou-se uma clara intenção em expressar (ou representar) um espectro alargado de ideias, sentimentos, paixões e estados de alma da forma mais viva e veemente possível. Já no final do Renascimento se vinha procurando – designadamente no contexto do madrigal e da chamada *musica reservata* – exprimir de forma deliberada o conteúdo afectivo do texto. Neste sentido, as relações e correspondências entre retórica e música revelaram-se em alto grau – permeando todos os domínios do pensamento musical (definição de estilos, formas e métodos de expressão e de composição) e alguns aspectos da prática performativa – e tornaram-se num dos traços mais distintivos do racionalismo musical barroco. Pretendia-se alcançar uma unidade estilística fundada na representação de estados emocionais racionalizados (abstractos) denominados por afectos (do latim *affectus*, o mesmo que *pathos*, em grego), em que todos os elementos ou parâmetros musicais (tonalidade, estrutura harmónica, forma, registo melódico, acordes, intervalos, andamento, ritmo, acentos, articulação, timbre, dinâmica, etc.) funcionavam, musicalmente, como as figuras de estilo na oratória. A música era então concebida enquanto linguagem sonora, altamente estilizada, assente num verdadeiro léxico musical. É sob a lente desta conjuntura estética que podemos entender o alinhamento concebido

pelo Ensemble L'Amoureux Empire para o presente concerto, composto por obras da autoria de compositoras e compositores italianos que desenvolveram o seu percurso artístico, na maior parte dos casos, entre o final do século XVI e meados do século XVII.

O concerto inicia-se com música de duas compositoras nascidas em Veneza, discípulas de Francesco Cavalli (1602–1676) e que se destacaram igualmente pelo seu talento enquanto cantoras, Barbara Strozzi (1619–1677) e Antonia Bembo (1640–1720): da primeira será apresentada a peça *L'Eraclito Amoroso* (da colecção *Cantate, ariette e duetti*, Op. 2; de 1651) e o lamento *Lagime mie* (do volume *Diporti di Euterpe, overo Cantate e ariette a voce sola*, Op. 7; de 1659); da segunda, as árias *In amor ci vuol ardir* e *Habbi pietà di me* (do manuscrito *Produzioni armoniche*, conjunto de quarenta e uma árias e cantatas compilado em 1701 e dedicado ao Rei Luís XIV).

Depois de Claudio Monteverdi (1567–1643), Sigismondo d'India (1582–1629) foi possivelmente o mais significativo compositor de música vocal profana do começo do século XVII, lembrado pela originalidade das suas canções (em registo de monodia acompanhada), aqui ilustrada nas peças *Intenerite voi* e *Lamento di Didone* (de *Le musiche*, Livros I e V, de 1609 e 1623, respectivamente). Para sempre recordado pela autoria de *L'Orfeo, favola in musica* (obra de 1607, seminal no contexto da ópera), Monteverdi notabilizou-se em praticamente todos os géneros musicais relevantes da sua época.

A peça *Voglio di vita uscir* (SV. 337) – que encerra o alinhamento do concerto – terá sido escrita por Monteverdi, muito provavelmente, depois de 1630, e é construída a partir de uma estrutura de variações sobre uma progressão harmónica recorrente.

Gelosia ch'a poco a poco, canzonetta da autoria de Luigi Rossi (1597-1653), foi publicada em 1646 e logo nessa altura se impôs como um dos mais populares números do compositor italiano, cuja bem-sucedida carreira se desenvolveu em Nápoles, Roma e Paris. Escrita sobre um poema de Domenico Benigni (1596-1653), a peça descreve uma mente atormentada por ciúmes, transcritos (musicalmente) por Rossi através de mudanças impactantes de percurso harmónico, de longos melismas e do tratamento por vezes propositadamente distorcido da prosódia.

A música instrumental encontra lugar no presente concerto através da interpretação de uma *tocatta* de Girolamo Frescobaldi (1583-1643), um dos mais distintos representantes da música para teclas da primeira metade do século XVII. Concebida para testar a destreza do intérprete, a *tocatta* caracteriza-se pela liberdade da sua estrutura formal. No caso de Frescobaldi, a sua produção no âmbito deste género destaca-se pela forma como o compositor constrói a partir do desenvolvimento de células motivicas através de um processo contínuo de interacção, variação e transformação, sendo particularmente notável a forma como Frescobaldi consegue criar uma narrativa musical sem o suporte de um texto.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

BIOGRAFIAS

L'AMOUREUX EMPIRE

Fundado em 2024 pela soprano Raquel Mendes e a cravista Rafaela Salgado, o Ensemble L'Amoureux Empire pretende dar voz ao talento e criatividade das suas fundadoras, através da interpretação historicamente informada da música dos séculos XVII e XVIII na sua forma mais íntima, reduzida à sua essência primordial: a voz e o baixo contínuo.

O nome “L'Amoureux Empire” evoca o predomínio da paixão e da expressão afetiva que marcam a música barroca, em especial na música vocal em géneros como a ária e o lamento, tão cultivados por compositoras e compositores da época.

Em 2024, o ensemble foi distinguido com o 1º Prémio na categoria de Música Barroca do Prémio Jovens Músicos/ Antena 2, o mais prestigiado concurso nacional, afirmando-se como uma das formações emergentes mais promissoras da cena musical portuguesa.

O seu repertório inclui obras de compositoras como Barbara Strozzi e Antonia Bembo, bem como de compositores como Claudio Monteverdi, Girolamo Frescobaldi, Luigi Rossi e Sigismondo d'India, abordando temáticas universais como o amor, a devoção, o sofrimento e a transfiguração espiritual.

Em 2025, o Ensemble irá gravar o seu primeiro CD dedicado à exploração da intensidade dramática da música do Seicento italiano.

Para além da sua atividade performativa, o ensemble L'Amoureux Empire procura fomentar a investigação e o diálogo interdisciplinar, estabelecendo pontes entre a musicologia, a interpretação e a criação artística contemporânea.

Combinando rigor estilístico, virtuosismo e uma forte dimensão expressiva, L'Amoureux Empire propõe-se como um projeto artístico de referência no panorama da música antiga em Portugal.





RAQUEL MENDES

Raquel Mendes, soprano, concluiu o curso de Canto no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga em 2015, sob a orientação de Inês Sofia. Em 2019, concluiu a licenciatura em canto na ESMAE com nota máxima, sob a orientação de António Salgado.

Em 2024, venceu o Prémio Jovens Músicos na categoria de Música Barroca, tendo recebido o 2.º prémio na categoria de Canto da mesma edição. Em 2023, foi galardoada com o 1.º prémio no concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa, tendo vencido igualmente o 1.º prémio no Concurso Internacional de Música

Cidade de Almada e o 2.º prémio no Prémio José Augusto Alegria, em Évora.

É membro fundador do ensemble Il Filo d'Oro, grupo focado na interpretação historicamente informada de música do século XVII.

Colabora igualmente com ensembles como La Grande Chapelle, Ludovice Ensemble, Ensemble Bonne Corde, Cupertino, Bando de Surunyo, Concerto Campestre, Moços do Coro e Ars Combinatoria. Participou em importantes festivais de música nacionais e internacionais, como por exemplo o Festival Oude Muziek Utrecht, Bachfest Stuttgart, Festival da Póvoa de Varzim, Festival Abulensis, Tage Alter Musik Regensburg, Bolzano Festival Bozen, entre outros.

Enquanto solista, interpretou papéis como “Giannetta” em L'Elisir d'amore de G. Donizetti, “Despina” em Così fan Tutte de W.A. Mozart, “La Donna” e “Lauretta” em La Donna di Genio Volubile de Marcos Portugal.

Interpretou ainda, como solista, obras como Requiem de W. A. Mozart, Dixit Dominus de G. F. Händel, Vespro della Beata Vergine de Monteverdi, Gloria de Antonio Vivaldi, Johannespassion BWV 245, Matthäuspasion BWV 244 de J. S. Bach, entre outras.

Apresentou-se a solo em salas como a Capela Real de Madrid, Auditório de Saragoça, Auditório Nacional de Madrid, Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro São Luiz, Teatro Circo, Teatro Nacional São João e Casa da Música.

No domínio da música de câmara, apresenta-se regularmente em recitais de canto e piano com os pianistas Ana Isabel Santos e Ángel González.

RAFAELA SALGADO

A cravista Rafaela Salgado iniciou os seus estudos de cravo aos oito anos de idade, em Braga. Licenciou-se posteriormente no Departamento de Música Antiga do Real Conservatório de Haia, onde estudou com Jacques Ogg (cravo) e Patrick Ayrton (baixo contínuo e improvisação).

Em 2020, mudou-se para Basileia, onde prosseguiu os seus estudos na Schola Cantorum Basiliensis, completando o Mestrado em Interpretação sob a orientação de Andrea Marcon. Em 2024, concluiu o Mestrado em “Generalbass und Ensembleleitung”, na classe de Jörg-Andreas Bötticher.



Colabora regularmente com diversos agrupamentos e orquestras, entre os quais se destacam a Orquestra Barroca Casa da Música, o Collegium Marianum (Praga), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara Portuguesa, sob a direcção de maestros como Laurence Cummings, Christian Zacharias, Nils Schweckendiek, entre outros.

A sua actividade concertística tem-na levado a actuar em vários festivais europeus de música antiga, como o Resonanzen Festival no Wiener Konzerthaus, o MA Festival Brugge, o Bachfest Leipzig e o Innsbrucker Festwochen der Alten Musik.

Em 2024, foi vencedora do Prémio Jovens Músicos na categoria de Música Barroca, tendo já sido distinguida em 2018 com o Primeiro Prémio na categoria de Cravo (nível superior). Foi premiada em diversos concursos internacionais, nomeadamente no Concurso Van Wassenaeer, do prestigiado Festival de Música Antiga de Utrecht, onde recebeu o Segundo e o Terceiro Prémios, assim como o Prémio da Digressão do Festival.

Outras distinções incluem o Prémio do Público no Göttingen Händel Competition em 2024, o “Sonderpreis Wiener Konzerthaus” no Internationaler H.I.F. Biber Competition em 2023, e ainda o Prémio do Público no XXIV Biagio-Marini Wettbewerb, também em 2023.

4 OUTUBRO • SÁBADO • 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

Schubertiada

DSCH SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

FILIPE PINTO-RIBEIRO Piano

ESTHER HOPPE Violino

LARS ANDERS TOMTER Viola

CHRISTIAN POLTÉRA Violoncelo

TIAGO PINTO-RIBEIRO Contrabaixo

PROGRAMA

Antonín Dvořák

(1841–1904)

Quarteto com Piano N.º 1, Opus 23

1. *Allegro moderato*
2. *Andantino con Variazioni*
3. *Finale. Allegretto scherzando*

Franz Schubert

(1797–1828)

Quinteto com Piano D. 667, “A Truta”

1. *Allegro vivace*
2. *Andante*
3. *Scherzo*
4. *Andantino*
5. *Allegro giusto*

NOTAS AO PROGRAMA

Um dos inúmeros aspectos que chamam a atenção quando nos debruçamos sobre o percurso artístico e criativo de Franz Schubert (1797–1828) é a sua taxa fenomenal de produtividade, praticamente sem par na história da música ocidental. Conforme é sabido, o compositor morreu precocemente, aos trinta e um anos de vida, ao longo dos quais conseguiu produzir um conjunto de obras que se destaca pelas contribuições, em alguns casos absolutamente seminais, para os géneros da música orquestral, música de câmara, música para

piano e Lied. Se tivermos em conta o facto das suas primeiras composições datarem de 1810, nos dezoito anos que se seguiram Schubert acumulou um total espantoso de quase um milhar de peças, das quais apenas um quinto (cerca de duzentas, sendo dois terços destas canções) foi publicado durante a vida do compositor, uma das razões pelas quais parte muito substancial da sua obra permaneceu inacessível ao grande público até ao final do século XIX.

De facto, a música de Schubert foi apreciada (durante a vida do compositor)

por um público relativamente restrito constituído por amigos e conhecidos do compositor, tendo ficado particularmente célebres os inúmeros serões organizados em suas próprias casas ou em salões privados da burguesia vienense, as “schubertiadas”, epitome perfeito para a forma como Schubert concebia a ligação entre músico e ouvinte.

É precisamente este clima de comunhão, proximidade e introspecção lírica, constante no curto percurso de Schubert, que se pretende celebrar no presente concerto, cujo alinhamento propõe a combinação entre uma das mais populares peças de música de câmara do compositor austríaco, o Quinteto com piano em Lá Maior, “A Truta”, D. 667, e o Quarteto com piano n.º 1, Op. 23 de Antonín Dvořák, compositor checo que professava, aliás, profunda admiração e deferência pela música de Schubert (sublinhada e comprovada no extenso artigo, repleto de entusiasmo, publicado por Dvořák em 1894 – em co-autoria com o crítico americano Henry Theophilus Finck – na revista nova-iorquina *The Century Illustrated Monthly Magazine*, onde o compositor checo elogia, entre outros pontos, a versatilidade e, principalmente, a genialidade melódica de Schubert).

Escrito durante o Verão de 1819, o Quinteto com piano em Lá Maior, “A Truta”, D. 667 deve o seu nome à canção *Die Forrelle* (A Truta; sobre texto de Christian Friedrich Daniel Schubart), composta por Schubert cerca de dois anos antes, em 1817, e utilizada no quinteto como tema a partir do qual o compositor construiu o conjunto de cinco variações que constitui o quarto andamento da obra. Dedicado ao violoncelista amador Sylvester Paumgartner (que integrava o círculo social de Schubert e seus amigos), o quinteto terá sido concebido para um grupo específico

de intérpretes, circunstância indiciada pela singularidade da formação, um dos traços pelos quais a obra mais se demarca: em vez de se limitar a juntar uma parte de piano ao habitual quarteto de cordas (violinos I e II, viola e violoncelo), Schubert optou também por retirar um violino e acrescentar o contrabaixo. O quinteto tem cinco andamentos, ao longo dos quais ecoa a leveza (e a estrutura) dos divertimentos vienenses. O andamento inicial dá mote ao clima festivo que presidirá a generalidade da peça. Segue-se o Andante, cuja delicadeza é evidenciada pelo tema apresentado pela viola e pelo violoncelo (depois do tema introdutório lançado pelo piano). O terceiro andamento caracteriza-se pela sua vivacidade rítmica e abre caminho para o andamento mais afamado do quinteto, o belíssimo conjunto de variações acima referido. A partitura termina com um curto Finale, que se destaca pela sua frescura e luminosidade.

Dvořák concluiu a partitura do Quarteto com piano n.º 1, Op. 23 em apenas dezoito dias, entre os meses de Maio e Junho de 1875, tendo a sua estreia acontecido cerca de cinco anos depois, no dia 16 de Dezembro de 1880, em Praga. A obra alcançaria dimensão internacional através da publicação da partitura em Berlim (em 1880) e da sua apresentação em Amesterdão (em 1881), interpretada pelo aclamado quarteto do violinista alemão Jean Becker (que haveria de promover e divulgar a obra em várias cidades alemãs). A peça tem três andamentos: o primeiro segue o esquema tradicional da forma sonata; o segundo consiste numa sequência de cinco variações; no terceiro verifica-se a combinação dos habituais Scherzo e Finale, aqui integrados, de forma notável, num único andamento.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

DSCH SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

Fundado em 2006, DSCH – Schostakovich Ensemble é considerado um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional.

Sediado em Lisboa desde a sua criação pelo director artístico Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH é um ensemble de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência.

Deve o seu nome ao compositor Dmitri Schostakovich, numa homenagem aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano em que o DSCH iniciou a sua actividade. Desde então, apresentou-se em várias temporadas e festivais de prestígio, na Europa, nos EUA e na Austrália.

O vasto repertório do DSCH integra obras de compositores de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, de Shostakovich a Sofia Gubaidulina, com-

positora com a qual o Ensemble estabeleceu uma estreita colaboração.

Tem contado com a participação de alguns dos músicos mais relevantes do nosso tempo, como José van Dam, Pascal Moraguès, Esther Hoppe, Christian Poltéra, Lars Anders Tomter, Gary Hoffman, Gérard Caussé, Corey Cerovsek, Renaud Capuçon, Tedi Papavrami, Adrian Brendel, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Liza Ferschtman, entre muitos outros.

Desde 2006, alguns dos concertos do Schostakovich Ensemble foram gravados e transmitidos pela RTP Antena 2 e pelo canal de televisão francês Mezzo.

Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH – Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses. Luís Tinoco, Eurico Carrapatoso, Andreia Pinto-Correia e Sérgio Azevedo foram distinguidos, respectivamente, em 2019, 2021, 2023 e 2024.

A discografia do DSCH inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Dmitri Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Ludwig van Beethoven Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional. Em 2025, o DSCH – Schostakovich Ensemble gravará um álbum com obras de Antonín Dvořák e Franz Schubert.



©ANDREIA CARVALHO

©NIKOLA JILLUND



LARS ANDERS TOMTER

Lars Anders Tomter é considerado um dos violetistas mais destacados da actualidade. “O Gigante da Viola Nórdica” (como foi apelidado pela revista The Strad) nasceu em Hamar, na Noruega. Começou a tocar violino e viola aos oito anos de idade. Estudou ambos os instrumentos com o Professor Leif Jørgensen, no Conservatório de Música de Oslo e na Academia Superior de Música da Noruega, e prosseguiu os seus estudos com o Professor Max Rostal e com Sándor Végh.

A carreira internacional de solista de Lars Anders Tomter começou em 1987, com uma grande digressão pelos Estados Unidos da América e pela Alemanha, com a prestigiada Orquestra de Câmara Norueguesa. Desde então, as suas aparições como solista têm sido aclamadas pelo público e pela crítica, em toda a Europa e Estados Unidos da América, em salas como Musikverein de Viena, Carnegie Hall de Nova Iorque, o Wigmore Hall de Londres, o Konzerthaus de Berlim e Philharmonie de Colónia.

Lars Anders

Tomter apresentou-se como solista com orquestras como a BBC Symphony, BBC Scottish Symphony, Royal Philharmonic Orchestra, Academy of St. Martin in the Fields, City of Birmingham Symphony Orchestra, RSO Frankfurt, NDR Radio Philharmonic Hannover, Gürzenich-Orchester Köln, Budapest Festival Orchestra, sob a

direcção de maestros como Marc Albrecht, Vladimir Ashkenazy, Sylvain Cambreling, Dennis Russell Davies, Olari Elts, Daniele Gatti, Krzysztof Penderecki, Okko Kamu, Arvid Jansons, Dmitri Kitaenko, entre outros.

No âmbito da música de câmara, Lars Anders Tomter colabora frequentemente com músicos de renome e é presença regular em festivais como BBC Proms, Lockenhaus, Kissingen Sommer, Mondseetage, Schleswig-Holstein, Schwetzingen, Styriarte, Verbier, bem como em vários festivais na Escandinávia.

Foi Director Artístico do Risør Chamber Music Festival, na Noruega, e, actualmente, é Director Artístico do Norwegian Fjord Classics Festival.

O seu vasto repertório inclui todas as principais obras do repertório contemporâneo de viola e gravou diversos álbuns para as editoras Simax, Naxos, Virgin Classics, NMC, Somm e Chandos.

É Professor na Academia Superior de Música de Oslo e toca com uma extraordinária viola construída por Gasparo da Salò, em 1590.

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Tiago Pinto-Ribeiro, reconhecido como um dos contrabaixistas portugueses de maior prestígio internacional, nasceu no Porto e estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Prosseguiu a sua formação na Universidade das Artes de Berlim (UdK), na classe do professor Michael Wolf, concluindo o Diploma Artístico e o Mestrado em Contrabaixo.

Ao longo do seu percurso, foi distinguido internacionalmente em várias ocasiões, como no Concurso Internacional de Contrabaixo, em Houston (EUA), tendo sido laureado com o 1.º Prémio no Concurso Internacional Júlio Cardona.

Integrou algumas das mais prestigiadas orquestras internacionais, como a Orquestra Sinfónica da NDR de Hamburgo, Orquestra Filarmónica da NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica da Galiza e Orquestra

Sinfónica de Berlim, trabalhando sob a direcção de maestros consagrados como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach.

No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH – Schostakovich Ensemble e apresenta-se regularmente em Portugal e por toda a Europa com músicos de renome internacional, como Esther Hoppe, Lars Anders Tomter, Mihaela Martin, Frans Helmerson, Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu, Carolin Widmann, Christian Poltéra e o seu irmão, Filipe Pinto-Ribeiro.

Tiago Pinto-Ribeiro é, desde 2003, contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e é Professor de Contrabaixo e de Música de Câmara na Universidade de Aveiro.

ESTHER HOPPE

Ver página 20

CHRISTIAN POLTÉRA

Ver página 21

FILIPPE PINTO-RIBEIRO

Ver página 22



@RITA CARMO



9 OUTUBRO • 5ª FEIRA • 21H
IGREJA DE SÃO FRANCISCO

Mosaico Moderno: de Piazzolla ao Século XXI

QUARTZ QUINTET

DAVID SEIXAS Violino • SARA MARTINS Violino
ANA PEIXOTO Viola • DIOGO MARTINS Violoncelo
JOSÉ FANGUEIRO Acordeão

PROGRAMA

Astor Piazzolla (1921-1992)	Oblivion* Libertango *
Efrem Podgaitz (1949-)	Ex-animo
Matti Murto (1947-)	Quinteto 1. Prelude 2. Elegia
Daniel Nelson (1965-)	My Inner Disco
Paulo Jorge Ferreira (1966-)	Improvisata

* ARRANJO DE JOSÉ FANGUEIRO

NOTAS AO PROGRAMA

Desde o final do século XVIII que várias experiências foram levadas a cabo no domínio da construção de instrumentos (aerofones) de palheta livre em solo europeu, até que em 1822, em Berlim, Christian Friedrich Ludwig Buschmann (1805-1864) patenteou o primeiro precursor claramente reconhecível do acordeão moderno, a *Handaeoline*, que incorporava já um fole e um teclado de botões. Este instrumento haveria de ser posteriormente desenvolvido e

aperfeiçoado pelo austríaco Cyrillus Demian (1772-1847), que em 1829 registou, em Viena, um instrumento sob o nome *Accordion*. A partir da década de 1830, o acordeão começaria a ser produzido em série (por firmas como a Buffet, na Bélgica, ou a Napoléon Fourneaux e a M. Busson, em França). Mas o ensino do instrumento (que conferisse aos intérpretes uma instrução de alto nível e, conseqüentemente, favorecesse e possibilitasse o desenvolvimento de repertório original por

parte de compositores reconhecidos) haveria de começar a impor-se apenas praticamente um século depois, aquando da fundação, em 1931, da Harmonika-Fachschule (na cidade de Trossingen, na Alemanha), no seio da qual se notabilizou o compositor Hugo Herrmann (1896-1967), director da referida escola a partir de 1935, frequentemente apontado como autor das primeiras obras musicalmente relevantes do repertório para acordeão.

Do ponto de vista organológico, a família do acordeão – de taxonomia complexa – inclui vários instrumentos em versão cromática e diatónica, a concertina ou o *bandoneon*, instrumento de eleição de Astor Piazzolla (1921-1992), indiscutível mestre do tango argentino e com cuja música se inicia o concerto. De sua autoria serão interpretados dois dos seus mais célebres tangos (aqui arrançados para acordeão e quarteto de cordas por José Fanguero): o melancólico *Oblivion* (originalmente composto para o filme *Enrico IV*, de Marco Bellocchio, de 1984) e *Libertango* (de 1974), emblema do chamado *nuevo tango* que, por comparação com a matriz tradicional do género, se caracteriza pela utilização acentuada do cromatismo e da dissonância e pelo recurso a texturas como a da fuga e a elementos provenientes do jazz.

Efrem Podgaitz (n. 1949) – compositor russo formado pelo Conservatório de Moscovo – possui um vasto catálogo de obras escritas para acordeão, sendo *Ex-animo*, Op. 184 a primeira em que combinou a sonoridade do instrumento com a textura do tradicional quarteto de cordas. Foi dedicada ao Fine Arts Quartet (quarteto de cordas americano) e ao acordeonista russo Friedrich Lips, que estrearam a obra em 2003. Escrita num único andamento, a peça consiste numa intrincada sucessão de várias secções, algumas de grande carga dramática, marcadas por uma escrita que prima pela intensidade rítmica e beleza melódica.

Do compositor finlandês Matti Murto (n. 1947) serão interpretados os dois primeiros andamentos dos quatro que compõem o seu *Quinteto para acordeão e quarteto de cordas*, obra de 2007. Subintitulado “*Talvimyrskyjä*” (Tempestades de Inverno), o quinteto foi escrito para o Festival de Acordeão de Inverno de Kokkola, tendo sido estreado nessa cidade finlandesa no dia 19 de Fevereiro de 2008 pelo acordeonista Mika Väyrynen. A obra espelha algumas características estilísticas da linguagem do compositor, como o lirismo de expressão romântica ou o recurso a elementos tonais e a melodias baseadas na música tradicional finlandesa.

Estabelecido na cidade de Estocolmo desde 1992, o compositor americano Daniel Nelson (n. 1965) tem construído a sua carreira artística através de frequentes e continuadas colaborações com algumas das principais instituições musicais suecas. *My Inner Disco* resultou de uma encomenda do Swedish Concert Institute e foi estreada no dia 13 de Abril de 2002, na cidade sueca de Växjö, pelo acordeonista Geir Draugsvoll, acompanhado pelo Anlara String Quartet. A obra tem um único andamento e demarca-se pela sua vitalidade e complexidade rítmica.

O concerto encerra com música do acordeonista português Paulo Jorge Ferreira (n. 1966), que tem desenvolvido o seu percurso criativo também através da composição, escrevendo sobretudo para o seu instrumento. Será interpretada a obra *Improvisata*, originalmente escrita para acordeão e quarteto de cordas em 2003 (existe uma versão posterior, de 2005, para orquestra de cordas). A peça assenta num discurso formal livre, marcado por contrastes temáticos, rítmicos e de *tempo*, revelando o domínio pleno do compositor relativamente às possibilidades técnicas e expressivas do acordeão.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga



QUARTZ QUINTET

O Quartz Quintet é um agrupamento formado por quarteto de cordas e acordeão, criado em 2017 sob a orientação artística do acordeonista Paulo Jorge Ferreira. É constituído pelos violinistas David Seixas e Sara Martins, pelo acordeonista José Fangueiro, pela violetista Ana Peixoto e pelo violoncelista Diogo Martins.

O agrupamento tem como principal objectivo divulgar o repertório composto para esta formação e visa também incentivar e apoiar os jovens compositores, de modo a proporcionar condições para a criação de novas obras e/ou projectos.

O Quartz Quintet foi distinguido com diversos prémios nacionais tais como o 2.º Prémio (Nível Superior) e 1.º Prémio (Nível Superior) no Concurso Folefest em 2018 e 2019, respectivamente, e o 2.º Prémio (Nível Superior) no concurso Prémio Jovens Músicos da Antena 2, em 2021.

Em 2019, integrou a Residência de Música de Câmara promovida pela

Orquestra Académica Filarmónica Portuguesa e, mais tarde, também as Residências de Música de Câmara da Orquestra Sem Fronteiras (2020/21), o que lhe proporcionou a realização de diversos concertos. Em 2021, realizou uma Residência Artística na Fábrica

da Criatividade, em Castelo Branco, promovida pelo Projecto Dias da Música Electroacústica, no qual foi dedicatário de três obras de jovens compositores, as quais foram gravadas pelo grupo para um CD.

O Quartz Quintet também participou em vários festivais, como na 42.ª edição do Festival Internacional de Música de Paços de Brandão, em 2019, na 7.ª edição do Festival Internacional de Música de Marvão, em 2021, e na 2.ª edição do Ciclo de Música de Câmara Caminhos Conjuntos do Festival À Corda, em 2022.

Tem realizado concertos em diversos locais, como a Casa da Música, no Porto, o Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, a Fundação Lapa do Lobo, a Fábrica da Criatividade, em Castelo Branco, a Casa Municipal da Cultura de Pedrógão Grande, entre outros. Em 2022, o Quartz Quintet apresentou-se em concerto no Auditório da Escola Superior de Economia e Gestão e no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, com transmissão em directo para a Antena 2.

DAVID SEIXAS

O violinista David Seixas é natural de Bragança e iniciou os seus estudos de violino aos onze anos. É licenciado pela Escola Superior de Artes Aplicadas, onde estudou com o maestro e professor Augusto Trindade.

Desde 2021, reside na Finlândia, onde concluiu o Mestrado em Interpretação – Violino, na prestigiada Academia Sibelius, sob a orientação da solista e professora Sirkka-Liisa Kaakinen.

Foi orientado por violinistas como Augusto Trindade (Orquestra Filarmónica Portuguesa), Anton Sorokow e Sophie Heinrich (Wiener Symphoniker) e Simone Bernardini (Berliner Philharmoniker). Outras influências marcantes no percurso formativo de David incluem: Daniel Rowland, Pedro Meireles, Pekka Kuusisto, Zofia Wóycicka, Sirkka-Liisa Kaakinen, Jean-Jacques Kantorow, Gilles Apap e Jela Spitzkova.

Desde 2021, David tem colaborado com várias das principais orquestras finlandesas: Orquestra Filarmónica de Tampere, Orquestra Sinfónica de Lahti, Orquestra de Câmara da Lapónia, Orquestra de Câmara Avanti!, Kymi Sinfonietta e Pori Sinfonietta.

Em 2022 e 2024, foi convidado a colaborar com a Orquestra da Cidade de Joensuu e com a Orquestra de Câmara de Helsínquia como concertino e concertino assistente.

Desde 2018, é membro do Quartz Quintet, agrupamento de música de câmara com um foco especial na música contemporânea.

David conta com o apoio da Oficina dos Violinos – Luthiers (Porto) e da Anna-Maria Moggio Foundation (EUA).

Foi distinguido com diversos prémios nas áreas de interpretação a solo e música de câmara.

O seu CD a solo, Serene Bach, foi lançado em 2021 pela editora americana Centaur Records.





SARA MARTINS

Iniciou os seus estudos musicais na Escola Profissional de Arte de Mirandela, aos 12 anos de idade, sob a orientação do professor Pedro Pinol e, mais tarde, da professora Maria João Matos. Concluiu o curso com o Prémio de Mérito Escolar, que lhe proporcionou um concerto a solo com a Orquestra Sinfónica Esproarte.

Frequentou masterclasses com professores como Zofia Kuberska-Woycicka, Jela Spitkov, Susanne Stanzeleit, Patrick Bismuth, José Francisco Del Castillo, Monica Waisman, entre outros. Também trabalhou sob a direcção de maestros como Peter Stark,

Pedro Neves, Joana Carneiro, Nuno Coelho, Peter Askim, Ernst Schelle, Charles Roussin, Tobias Gossman e Lorenzo Viotti.

É licenciada em Música, variante de Instrumento (Violino), pela Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, e Mestre em Ensino de Música (Violino e Música de Conjunto) pela mesma instituição, onde terminou com distinção em 2023.

Em 2024, começou a lecionar violino na Escola Profissional de Arte de Mirandela (Esproarte) e na Escola de Música Guilhermina Suggia, no Porto.

É membro do grupo de música de câmara Quartz Quintet, laureado com o 1.º Prémio em Música de Câmara (Nível Superior) no Festival Folefest, em 2019, e com o 2.º Prémio em Música de Câmara (Nível Superior) no Prémio Jovens Músicos, em 2021. Em 2022, participou na gravação do CD Raíz do Som I.

Desde 2018, é membro da Orquestra Filarmónica Portuguesa, com a qual já realizou concertos a nível internacional, nomeadamente no Palácio de Liria, em Espanha, na sede da UNESCO, em Paris, e na Filarmonia de Berlim.

Participou ainda em vários projectos orquestrais, como a Orquestra Sinfónica de Thomar, a Orquestra Sem Fronteiras, o Estágio Gulbenkian para Orquestra, a Alto Minho Youth Orchestra, a Orquestra de Trás-os-Montes e Alto Douro e a Orquestra Electroacústica.

ANA PEIXOTO

Licenciada em Música, variante instrumento (Viola d'arco), pela Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, estudou com Joana Pereira, David Wyn Lloyd e António Pereira.

Realizou masterclasses com Danuta Grossmannová, Francien Schatborn, Dorothea Vogel, Christophe Desjardins, Aida-Carmen Soanea, Ana Bela Chaves, Joana Pereira, Augusto Trindade e Eliseu Pereira.

Colabora com algumas orquestras como a Orquestra Sem Fronteiras, a Neue Philharmonie München, a Orquestra de Câmara Portuguesa,

a Sinfonietta de Castelo Branco e a Orquestra Sinfónica de Thomar. É membro assíduo da Orquestra Filarmónica Portuguesa, com a qual já se apresentou em diversas salas emblemáticas como a Berliner Philharmonie.

Desde 2019, é violetista no projeto de música de câmara Quartz Quintet com o qual tem participado em vários projetos artísticos e alguns festivais como o Festival Internacional de Música de Paços de Brandão e o Festival de Música de Câmara da Madeira. O grupo colaborou no disco Raíz do Som I, com a gravação de três obras de compositores portugueses. Em 2021, o quinteto foi laureado com o 2.º prémio no concurso Prémio Jovens Músicos, na categoria Música de Câmara, Nível Superior.

Tocou sob a direcção de Julien Benichou, Peter Stark, Rui Pinheiro, Jean-Sébastien Béreau, Osvaldo Ferreira, Jan Wierzbza, Martim Sousa Tavares, Lorenzo Viotti, Joana Carneiro, Fuad Ibrahimov, Cesário Costa e Pedro Carneiro, entre outros.

Atualmente, leciona no Conservatório de Música de Santarém e no Conservatório de Música e Artes do Dão.





DIOGO MARTINS

O violoncelista Diogo Martins nasceu em 1999 e iniciou os seus estudos no violoncelo no Conservatório de Música e Artes do Dão.

Reside actualmente nos Países Baixos, onde concluiu o Mestrado em Performance com a nota máxima (na Codarts Rotterdam), sob a orientação de Joachim Eijlander. Previamente, estudou com Miguel Rocha, na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco. Ao longo do seu percurso, participou em diversas masterclasses com violoncelistas como Ophélie Galliard, Xavier Gagnepain, Varoujan Bartikian, Andrew Fuller ou Catherine Strynckx.

Em 2023, estreou o seu projecto a solo original Segunda Voz, a partir da obra de José Afonso, e tem-se apresentado a solo em salas como o Tivoli Vredenburg (Utrecht) e o De Doelen (Roterdão), e em festivais como o À Corda (Coimbra) e o International Cello Festival Zutphen (Países Baixos). Apresentou-se

também a solo com a Orquestra Philharmonia das Beiras, em 2017, como vencedor do Concurso Jovem Solista da Fundação Lapa do Lobo.

É membro fundador do Quartz Quintet, agrupamento com o qual venceu os 1.º e 2.º Prémios no Concurso Folefest, em 2019 e 2018, respectivamente, e o 2.º lugar no Prémio Jovens Músicos da Antena 2, em 2021. Com o Quartz Quintet, tem-se apresentado em festivais como o À Corda, Festival de Música de Câmara da Madeira, e em salas como a Casa da Música, sendo dedicatário de três obras que gravou para o CD Raiz do Som 1.

Diogo Martins colabora frequentemente com o Doelen Ensemble (Países Baixos) e com a Orquestra Filarmónica Portuguesa. Em 2022, foi chefe de naipe na ópera Die Fledermaus, durante a Berlin Opera Academy, e, desde 2023, colabora com a Neue Philharmonie München (Alemanha) e com o FAME'S European Orchestral Performing Institute (Macedónia).

JOSÉ FANGUEIRO

Acordeonista natural de Vila do Conde, tem vindo a desenvolver uma carreira musical diversificada. Explora não só repertório erudito – que vai desde o barroco ao contemporâneo – como também trabalha regularmente em projectos musicais ligados à cultura tradicional portuguesa. É licenciado em Música e mestre em Ensino de Música pela Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART), tendo estudado anteriormente no Conservatório de Música do Porto.

Participou em vários cursos e masterclasses com conceituados professores como Claudio Jacomucci, Miloš Milivojević, Friedrich Lips, Veli Kujala, Owen Murray, Vincent Lhermet, Bjarke Mogensen, Gorka Hermosa, Viatcheslav Semionov e Franck Angelis.

Tem-se apresentado a solo e em música de câmara em diversas salas por todo o país, tendo também gravado concertos em directo para a Antena 2. Como músico convidado

pela associação FoleFest, estreou obras portuguesas para acordeão e gravou.

Foi laureado com o 1.º Prémio e os Prémios de Melhor Intérprete no Concurso FoleFest (2018 e 2022), 3.º Prémio no Prémio Jovens Músicos (2022), 2.º Prémio no Concurso Internacional de Acordeão de Alcobça (2016) e o 2.º Prémio no 4.º Concurso de Interpretação Contemporânea. Em música de câmara, recebeu o 1.º Prémio no FoleFest (2019), o 1.º Prémio no Concurso Interno do Conservatório de Música do Porto (2017), o 2.º Prémio no Prémio Jovens Músicos (2021), o 2.º Prémio no Concurso Internacional de Acordeão de Alcobça (2016), entre outros.

Como membro do Quartz Quintet, participou em residências artísticas promovidas pela Orquestra Filarmónica Portuguesa (2019) e Orquestra Sem Fronteiras (2020-2021). Paralelamente, entre 2020 e 2022, realizou várias residências artísticas como músico

solista na Fábrica da Criatividade, em Castelo Branco.

Actualmente, é docente na Academia de Música Fernandes Fão e na Maestro's Music School, em Vila do Conde.



10 OUTUBRO • 6ª FEIRA • 21H
IGREJA DE SÃO FRANCISCO

Schumann & Dvořák: Mundos Românticos

JUVENTUS ENSEMBLE

ARIETA LIATSI Violino

ALFONSO PINTO-RIBEIRO Violino

JILIANG SHI Viola

GUILHERME MORAES Violoncelo

FILIFE PINTO-RIBEIRO Piano

PROGRAMA

Antonín Dvořák
(1841–1904)

Quarteto N.º 12, Opus 96, “Americano”

1. Allegro ma non troppo
2. Lento
3. Molto vivace
4. Finale. Vivace ma non troppo

Robert Schumann
(1810–1856)

Quinteto com Piano, Opus 44

1. Allegro brillante
2. In Modo d’una Marcia. Un poco largamente
3. Scherzo. Molto vivace – Trio I – Trio II
4. Allegro ma non troppo

NOTAS AO PROGRAMA

O século XIX foi o século do Romantismo, que emanou – sem rompimento da linguagem musical – dos grandes géneros e dos procedimentos harmónicos do Classicismo. Nesse sentido, a novidade surgiu então pela entrada em cena de um novo elemento poético e metafísico que privilegiava a “expressão do eu”, a subjectividade e a emoção, assim como um princípio dinâmico (resultante da alteração do equilíbrio de forças contemplado nos binómios razão-sentimento e ideia-rep-

resentação) que convocou a transformação de praticamente todas as variáveis musicais (sonoridade, estrutura, forma, técnicas de execução, etc.). Por oposição ao postulado clássico de ordem, equilíbrio e perfeição, no Romantismo amou-se, acima de tudo, a liberdade, a paixão e o movimento, a procura do intangível ou, em última análise, a busca de uma perfeição impossível.

Nascido ainda no final do século XVIII, no contexto do movimento literário alemão

representado, entre outros, por figuras como Wackenroder (1773–1798), Tieck (1773–1853) ou Novalis (1772–1801), o Romantismo surgiu pela primeira vez associado à música nas palavras de E. T. A. Hoffmann (1776–1822), que em 1810 (a propósito da Sinfonia n.º 5 de Beethoven), sublinhava o seguinte:

«Quando se fala de Música como de uma arte autónoma, deveria ter-se sempre em mente apenas a música instrumental, a qual, desprezando todo o auxílio, toda a mistura de qualquer outra arte, exprime puramente a genuína essência da Arte, que só nela pode ser encontrada. Ela é a mais romântica das artes, quase diríamos, a única puramente romântica. (...) A Música desvenda ao homem um reino desconhecido; um mundo que nada tem de comum com o mundo exterior sensível que o rodeia, e no qual ele deixa para trás todos os sentimentos definíveis através de conceitos, para se entregar ao inefável».

Foi nesta perspectiva que a música instrumental – pelo seu incomparável poder de sugestão e pelo mistério que encerra em si mesma – conquistou especial relevância ao longo do século XIX, abarcando, por um lado, géneros conotados com a “estética da expressão” (como o poema sinfónico ou a sinfonia programática), e por outro, géneros com forte relação com a herança clássica, relacionados com a chamada “estética formalista” (assente na ideia de música pura, absoluta). É neste último grupo que se podem encaixar as duas obras camerísticas contempladas no presente programa, que ilustram diferentes faces, tempos e coordenadas do Romantismo oitocentista: a música poética de Robert Schumann (1810–1856) e o colorido nacional do checo Antonín Dvořák (1841–1904).

O Quarteto de Cordas n.º 12, Op. 96, “Americano” foi escrito no mês de Junho de 1893, no período em que Dvořák assumiu a

direcção do Conservatório Nacional de Nova Iorque, entre 1892 e 1895 (reflexo do prestígio internacional, verdadeiramente global, que o compositor vinha conquistando nos anos anteriores, feito notável e relativamente inédito, à época, para um compositor oriundo de uma nação “periférica”). As marcas do fascínio de Dvořák pela música americana e afro-americana são claramente perceptíveis ao longo dos quatro andamentos que constituem o quarteto, designadamente no recurso a temas de raiz pentatónica e a estruturas rítmicas peculiares. Mas o valor da obra reside para lá desta influência: talvez como em nenhum outro dos seus catorze quartetos, Dvořák alcançou um balanço perfeito entre clareza formal e um inesgotável entusiasmo melódico que tão bem caracterizam o seu estilo.

Com o Quinteto com Piano, Op. 44 de Schumann – autêntica obra-prima do Romantismo alemão – recuamos cerca de meio século no tempo, ao ano de 1842, durante o qual, aliás, o compositor escreveu praticamente toda a produção camerística mais importante do seu catálogo (onde se destacam igualmente os três Quartetos de Cordas, Op. 41 e o Quarteto com Piano, Op. 47). Dedicada à ilustre pianista e mulher do compositor, Clara Schumann (que passou a incluí-la com regularidade nos seus recitais), a peça foi pioneira pela união do piano ao tradicional quarteto de cordas, tendo-se tornado num modelo para obras de compositores posteriores (entre as quais se destaca o Quinteto com Piano, Op. 34 de Johannes Brahms). De cunho intenso e envolvente, a partitura apresenta uma dimensão quase sinfónica, explorando uma vasta gama de texturas em que as várias vozes se entrelaçam em combinações diversas, com o piano a assumir frequentemente uma posição de proeminência.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo o seu nome na deusa da juventude da mitologia romana, o Juventus Ensemble (JuvE) é um projecto musical que tem como principal objectivo ser uma plataforma de criação e um catalisador de oportunidades para jovens músicos de reconhecido talento.

Fundado em 2022 por Filipe Pinto-Ribeiro, o Juventus Ensemble teve a sua estreia em Bragança, na Igreja de São Francisco, no âmbito do 2.º Festival Bragança ClassicFest, interpretando obras de Eurico Carrapatoso e Antonín Dvořák.

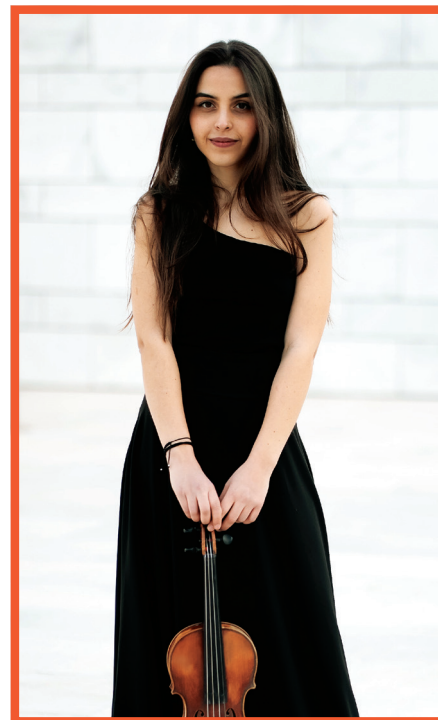
Agrupamento musical de geometria variável, o Juventus Ensemble tem promovido concertos e residências artísticas com a colaboração de artistas de renome mundial – tais como Pascal Moraguès, Jack Liebeck, Stephan Picard e Filipe Pinto-Ribeiro –, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais,

com o intuito de acolher e valorizar os melhores talentos emergentes do panorama musical.

Entre os jovens músicos que integraram os concertos do Juventus Ensemble, destacam-se os violinistas Arieta Liatsi, Amia Janicki, Xunyue Zhang, Alfonso Pinto-Ribeiro, Filipe Fernandes, Mălina Ciobanu e Laura Handler; os violetistas Francisco Lourenço, Sofia Silva Sousa, João Álvares Abreu e Gustavo Rebelo; os violoncelistas Geirthrudur Gudmundsdottir, João Pedro Gonçalves, Beatriz Raimundo e Pedro Gomes da Silva; o contrabaixista Rui Pedro Rodrigues; a cravista Rafaela Salgado; a oboísta Luísa Bandeira; o clarinetista João Paiva; o trompista Luís Duarte Moreira; e a flautista Sónia Pais.

Em Fevereiro de 2023, o Juventus Ensemble apresentou a estreia mundial do Sexteto Dreaming and Thinking, do compositor norte-americano Bruce Adolphe, no âmbito do 2.º Ciclo Musical-Mente, no Mosteiro de São Bento da Vitória. Também em 2023, o Juventus Ensemble fez a sua estreia internacional com dois concertos no Festival de Musique de Prémery, em França.

O Juventus Ensemble tem direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura.

**ARIETA LIATSI**

Desde a sua estreia como solista, aos 15 anos, com a Orquestra Sinfónica Estatal de Salónica, a violinista grega Arieta Liatsi tem-se apresentado com orquestras como a Salzburg Soloists Orchestra e a University Orchestra Mainz. Apresentou-se em concertos em festivais como o Musiktage Mondsee, Attergauer Kultursommer, Klassik im Burghof, Kitzbüheler Sommerkonzerte e Festival dos Capuchos.

Arieta foi galardoada com inúmeros prémios em concursos na Grécia e noutros países.

Mais recentemente, foi distinguida com o Prémio Paul Roczek 2024 pela Universidade Mozarteum de Salzburgo.

Nascida em 2001 em Salónica, Arieta iniciou as suas aulas de violino aos seis anos no Conservatório da sua cidade natal, onde obteve o diploma de violino (com distinção e primeiro prémio) sob a orientação de Andreas Papanikolaou e Iren Topouria. Prossegue os seus estudos na Universidade Mozarteum de Salzburgo, com o Professor Benjamin Schmid.

Participa regularmente em festivais como o Casalmaggiore International Festival, Hellensmusic, Kalamata International Music Days e o Verão Clássico de Lisboa (2.º prémio), apresentando-se ao lado de músicos de renome, como Julien Quentin, Benjamin Schmid, Bruno Delepelair, Matthias Bartolomey, Filipe Pinto-Ribeiro e Ariane Haering.

Para além dos seus estudos formais, frequentou masterclasses com músicos consagrados como Leonidas Kavakos, Christoph Poppen, Josef Špaček, Mischa Maisky, Jonian Ilias Kadesha, Ilya Grubert, Stephan Picard, Kurt Nikkanen, Noe Inui e George Demertzis.

Arieta apresenta-se regularmente em vários países, incluindo a Grécia, Áustria, Alemanha, Itália, Portugal, França, Polónia, Japão e Reino Unido.

Entre 2021 e 2024, fundou e fez parte do Trio Callas e, actualmente, integra a Orquestra de Câmara Mozarteum.



ALFONSO PINTO-RIBEIRO

Alfonso Pinto-Ribeiro nasceu no Porto, em 2005.

Teve as primeiras aulas de piano aos quatro anos com a sua mãe, a pianista Rosa Maria Barrantes, e iniciou os estudos de violino aos sete anos.

Estudou na Academia de Música de Santa Cecília, em Lisboa, com Denis Stetsenko e Lígia Soares, continuando os seus estudos de violino no Conservatório Nacional de Lisboa, com Joana Cipriano.

Actualmente, prossegue os seus estudos superiores na Universidade Mozarteum de Salzburgo, na Áustria, uma das mais prestigiadas instituições

de ensino musical a nível mundial, na classe da Professora Esther Hoppe.

Foi laureado em vários concursos de violino, tendo recebido o Primeiro Prémio no Concurso “Vechi Costa” em 2021 e o Primeiro Prémio ex aequo no Festival Verão Clássico em 2025.

Participou em várias masterclasses de violino com professores de referência internacional, como Ana Chumachenco, Mihaela Martin, Pavel Vernikov, Eszter Haffner, Svetlana Makarova e Jack Liebeck, entre outros. Estudou ainda com Mateja Marinkovic, em Belgrado, com Stephan Picard, em Berlim, e com Lily Francis, em Salzburgo. No âmbito da música de câmara, trabalhou sob a orientação de Miguel da Silva, Lars Anders Tomter e Cibrán Sierra Vázquez.

Apresentou-se em diversos concertos, sendo de destacar a participação no Festival Verão Clássico, em Lisboa, no Festival Cidnay, no Vale do Ave, no Festival Bragança ClassicFest e no Festival de Musique de Prémery, em França.

Alfonso toca um violino construído por Christian Bayon em 2020.



© RITA CARMO



JILIANG SHI

Jiliang Shi é um violoncelista reconhecido pela sua arte e dedicação à música de câmara. Natural da China, concluiu a Licenciatura em Música na Universität Mozarteum Salzburg sob a orientação de William Coleman e prossegue actualmente os estudos de Mestrado com Muriel Razavi. Frequenta simultaneamente o Mestrado em Música de Câmara, sob a mentoria de Rainer Schmidt e Cibrán Sierra Vázquez.

Jiliang é membro do Quarteto Kairi. A sua paixão pela interpretação levou-o a colaborar com orquestras de renome, incluindo a Philharmonisches Staatsorchester Hamburg, onde foi seleccionado como academista de viola

em 2023, sob a direcção do Maestro Kent Nagano. Apresentou-se também com a Münchener Kammerorchester e a Kalaphiramonie Landshut.

Actuou como solista e músico de câmara em importantes salas de concerto na Europa e na Ásia, incluindo Chinese National Concert Hall, Guangzhou Xinghai Concert Hall, Kulangsu Island Concert Hall, Salzburg Festspielhaus, Die Glocke de Bremen, Szene Salzburg e Solitär Salzburg.

É frequentemente convidado para se apresentar em prestigiados festivais internacionais, como o ZwischenTöne Festival (Suíça), Chigiana Music Festival, Villars Music Institute, Schleswig-Holstein Musik Festival, Moritzburg Festival, Mendelssohn Summer Festival, Schiermonnikoog Festival e o Salzburg Festival, entre muitos outros. Foi ainda membro da YMCG Orchestra de Yo-Yo Ma, em Guangzhou, um ensemble dirigido pelo lendário violoncelista.

Ao longo da sua carreira, Jiliang trabalhou de perto com numerosos músicos de destaque, incluindo Tabea Zimmermann, Nobuko Imai, Benjamin Schmid, Yo-Yo Ma, William Coleman e Thomas Riebl, entre outros.

O talento de Jiliang foi reconhecido através de prestigiados prémios, incluindo o 1.º Prémio no Premio Annarosa Taddei Chamber Music Competition (2024) e o 2.º Prémio no Viola Hindemith Competition Salzburg (2024).

GUILHERME MORAES

O violoncelista brasileiro Guilherme Moraes nasceu em São Paulo. Estudou com Vana Bock e Joel Souza, antes de concluir a sua Licenciatura na Universidade Mozarteum de Salzburgo, sob a orientação de Giovanni Gnocchi e Wilfried Tachezi. Actualmente prossegue o Mestrado em Música de Câmara, com Cibrán Sierra Vázquez, juntamente com o Quarteto de Cordas Beija-flor.

Músico multifacetado, Guilherme tem-se apresentado em música de câmara com artistas de renome como Christian Poltéra, Julian Steckel, Lars Anders Tomter,

Avri Levitan, Jennifer Stumm, Tai Murray, Liza Ferschtman e Marianna Shirinyan. Dirigiu vários ensembles e orquestras e participou em masterclasses orientadas por Clemens Hagen, David Waterman, Cuarteto Quiroga, Meta4 e Quarteto Casals. Guilherme tem sido presença em festivais de prestígio internacional como o Trame Sonore, em Mântua, o Festival de Lucerna, a Accademia Musicale Chigiana e o Schloss Brunegg.

Guilherme é membro fundador do Quarteto de Cordas Beija-flor. Em 2022, o ensemble conquistou o Primeiro Prémio no Gianni Bergamo Award, em Lugano, Suíça. O quarteto integra também o programa Musethica, realizando masterclasses e concertos por toda a Europa, e fez a sua estreia no prestigiado Schleswig-Holstein Musikfestival no Verão de 2025.

FILIPPE PINTO-RIBEIRO

Ver página 22





11 OUTUBRO • SÁBADO • 21H
TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

Gala de Encerramento

ORQUESTRA PHILHARMONIA FRANKFURT

JURI GILBO Direção Musical

VLADISLAV LAVRIK Trompete

PROGRAMA

Georg Friedrich Händel (1685–1759)	"The Arrival of the Queen of Sheba" da Oratória "Salomon", HWV 67
Georg Friedrich Händel	Suite HWV 341 "Water Piece" 1. Overture / 2. Allegro 3. Menuet / 4. Bourrée / 5. Marche
Antonio Vivaldi (1678–1741)	Allegro do Concerto RV 565 "L'Estro Armonico" Opus 3 N.º 11
Georg Friedrich Händel	"La Réjouissance", da suite "Music for the Royal Fireworks", HWV 351
Johannes Brahms (1833–1897)	Dança Húngara N.º 1
Tradicional	"Arirang", Canção folclórica da Coreia
Piotr Ilych Tchaikovsky (1840–1893)	"Melodrama", de "A Donzela de Neve" Opus 12 / "Dança Napolitana", do bailado "O Lago dos Cisnes" / Opus 20
Karl Jenkins (1944–)	"Palladio"
George Gershwin (1898–1937)	"Summertime", da Ópera "Porgy and Bess"
Grigoraș Dinicu (1889–1949)	"Hora Staccato"
Astor Piazzolla (1921–1992)	Oblivion Libertango
Jean-Baptiste Arban (1825–1889)	"Carnaval de Veneza"

NOTAS AO PROGRAMA

A gala de encerramento da edição de 2025 do Bragança ClassicFest – marcada pela estreia em Portugal da Orquestra Philharmonia Frankfurt e do trompetista ucraniano Vladislav Lavrik – inicia-se com a apresentação de um conjunto de obras da autoria de dois compositores fundamentais do período Barroco. De Georg Friedrich Händel (1685–1759) será interpretada a peça *The Arrival of the Queen of Sheba*, que corresponde à *sinfonia* do terceiro acto da oratória *Solomon*, HWV 67, de 1748. Trata-se de um dos números mais populares da oratória, frequentemente interpretado isoladamente como peça de concerto. A *Suite em Ré Maior*, HWV 341 (também conhecida pelo nome *Water Piece*), para trompete e orquestra, consiste numa adaptação feita a partir de números retirados do conjunto de *suites Water Music*, HWV 348–350 e da ópera *Partenope*, HWV 27 (ainda que atribuída a Händel e datada de 1733, persistem dúvidas sobre a autoria da adaptação). *La Réjouissance* é o quarto dos cinco andamentos que compõem a *suite Music for the Royal Fireworks*, HWV 351, escrita por Händel em 1749. Enérgica e festiva, escrita em estilo de fanfarra, a obra tira partido do brilho da sonoridade dos metais, adequando-se assim ao propósito com que foi escrita: a celebração da assinatura do Tratado de Aix-la-Chapelle que pôs termo à Guerra da Sucessão Austríaca (1740–1748). Do mestre veneziano Antonio Vivaldi (1678–1741) será apresentado o *Allegro*

do *Concerto em Ré menor*, RV 565 (para dois violinos, violoncelo, cordas e contínuo), o décimo primeiro dos doze que integram a colecção *L'Estro Armonico*, Op. 3, publicada em 1711, em Amesterdão. Ainda que composta quase trezentos anos depois, em 1995, a obra de Karl Jenkins (compositor galês nascido em 1944) incluída no alinhamento do concerto, *Palladio*, parece dotada de uma certa musicalidade barroca, evocando uma das estruturas formais mais típicas desse tempo, o *concerto grosso*.

No segmento do concerto reservado para a música do período Romântico, encontramos obras de Johannes Brahms (1833–1897) e Pyotr Il'yich Tchaikovsky (1840–1893). Fascinado desde a juventude pela exuberância das melodias e ritmos das danças populares magiares, por inúmeras vezes Brahms reinterpreto e incorporou tal influência em obras do seu catálogo. É o que acontece em *Dança Húngara n.º 1*, cuja versão orquestral (que se ouvirá no concerto) foi estreada em Leipzig, no dia 5 de Fevereiro de 1874, sob a batuta do próprio compositor. De Tchaikovsky serão apresentadas duas peças que também remontam à década de 1870: *Melodrama*, número retirado da obra *A Donzela de Neve*, Op. 12 (a partir do libreto de Aleksandr Ostrovsky), de 1873; e *Danse napolitaine*, do terceiro acto do famoso bailado *O Lago dos Cisnes*, Op. 20, composto entre 1875 e 1877.

No alinhamento do programa da gala há ainda espaço para outras linguagens musicais. Da ópera *Porgy*

and Bess, escrita pelo compositor americano George Gershwin (1898–1937) em 1935, será interpretado o célebre número *Summertime*, que põe em evidência a influência crescente do jazz no domínio dos géneros da dita música de “sala de concerto”, que se fez sentir logo desde o início do século passado. A sensualidade e a melancolia do tango fazem-se representar através de duas das mais emblemáticas peças do incontornável Astor Piazzolla (1921–1992): *Oblivion* e *Libertango*, escritos, respectivamente, em 1984 e 1974. Paisagens sonoras mais longínquas serão convocadas com a apresentação de *Arirang*, canção tradicional coreana inscrita como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO através das candidaturas da Coreia do Sul, em 2012, e da Coreia do Norte, em 2014.

A versatilidade expressiva e o potencial virtuosístico do trompete são postos em evidência na festiva *Hora staccato* – peça composta em 1906 pelo violinista e compositor romeno Grigoras Dinicu (1889–1949) e que desde logo se tornou num dos *encores* favoritos entre os *virtuoses* do violino, instrumento para o qual a peça foi originalmente escrita – e, muito particularmente, na obra que encerra a presente gala, *Carnaval de Veneza*, um conjunto de variações da autoria do trompetista francês Jean-Baptiste Arban (1825–1889) elaborado a partir da conhecida melodia popular, igualmente celebrizada na obra de músicos como Nicolò Paganini (1782–1840) ou Franz Liszt (1811–1886).

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

BIOGRAFIAS



ORQUESTRA PHILHARMONIA FRANKFURT

A Orquestra Philharmonia Frankfurt, fundada em 2019, é provavelmente uma das mais recentes orquestras da Alemanha, mas é, sem dúvida, um dos conjuntos mais surpreendentes, interessantes e ambiciosos da actualidade.

A Philharmonia Frankfurt é uma daquelas descobertas musicais cujo carácter excepcional se faz notar, e sobretudo ouvir, de imediato. A impressionante dedicação, grande paixão e intensidade inspiradora da orquestra captam a atenção do público desde as primeiras notas. A orquestra é composta por músicos diplomados da prestigiada Escola Superior de Música de Frankfurt, o que faz desta orquestra uma das mais entusiasmantes formações profissionais da Alemanha actualmente: um conjunto internacional de excelência com um vasto repertório que sabe como cativar o público.

O dinamismo e a energia da orquestra explicam-se, entre outros factores, pelo

seu elenco internacional, que reflecte a própria sociedade multicultural de Frankfurt. Os músicos do ensemble provêm não só de países europeus, mas também da América do Sul, Ásia, Austrália, bem como de Israel e da Turquia. Trata-se de um grupo intercultural de artistas cujo maior denominador comum é a linguagem da música. Assim, o caloroso som da lendária escola de cordas da Europa de Leste cruza-se com

a precisão e virtuosismo da tradição de sopros da Europa Ocidental, dando origem a uma sonoridade verdadeiramente única.

O vasto repertório da orquestra, que vai do barroco à música contemporânea, da música de câmara às grandes sinfonias, tem contribuído para o seu reconhecimento como um conjunto sonoro extremamente requisitado. Além disso, a orquestra ultrapassa frequentemente as fronteiras de género musical e arrisca-se em experiências ousadas para além da música clássica: diversos projectos de crossover com músicos de rock, jazz e música electrónica fazem parte da agenda da orquestra.

Os artistas do ensemble são tão internacionais quanto os seus concertos: estão já previstas digressões por toda a Europa e além, incluindo actuações na Coreia do Sul, Israel, América do Sul, Dubai e Turquia.

O maestro titular da orquestra é o reconhecido maestro de Frankfurt, Juri Gilbo, que assume também a direcção artística do conjunto.

JURI GILBO

Nascido em S. Petersburgo em 1968, com raízes alemãs, Juri Gilbo foi igualmente moldado pelas tradições musicais da Europa de Leste e da Europa Ocidental, sendo há muito considerado um dos talentos mais entusiasmantes da sua geração. Recebeu as primeiras aulas de música aos quatro anos de idade, com foco no violino e na viola d'arco. Estudou no histórico Conservatório Estatal de S. Petersburgo e também na Universidade de Música e Artes Performativas de Frankfurt, onde integrou a classe de viola de Tabea Zimmermann. Em simultâneo, realizou a sua formação em direcção de orquestra com Luigi Sagrestano.

Juri Gilbo fez a sua estreia como maestro em 1997 e, desde então, tem colaborado com inúmeros solistas de renome mundial, incluindo Nigel Kennedy, Mischa Maisky, Vadim Repin, Sir James Galway, Igor Oistrakh, Edita Gruberova, Gautier Capuçon, Ute Lemper, Sergei Nakariakov, Richard Galliano, Ksenija Sidorova, Nils Landgren,

Francesco Tristano, Janoska Ensemble, entre muitos outros artistas reconhecidos.

Para além da sua carreira no repertório sinfónico e operático tradicional, Gilbo tornou-se conhecido por cruzar fronteiras entre os mais variados estilos e épocas, desde o barroco ao rock. Para além dos grandes concertos sinfónicos e produções de ópera, tem desenvolvido projectos com actores, estrelas do teatro musical, músicos de rock, jazz, world music, música de cinema e outros projectos de *crossover* amplamente aclamados.

É presença frequente nas mais prestigiadas salas de concerto do mundo, como as Philharmonias de Berlim, Colónia e Munique, Elbphilharmonie de Hamburgo, Gewandhaus de Leipzig, Alte Oper Frankfurt, Tonhalle de Zurique, Konzerthaus de Viena, Teatro Real de Madrid, Concertgebouw de Amesterdão, Théâtre des Champs-Élysées, Sala Béla Bartók de Budapeste, Teatro de Jerusalém, Teatro dell'Opera di Roma, entre outras. Participa também em conceituados festivais internacionais como o Schleswig-Holstein Musik Festival, Rheingau Musik Festival, Festival George Enescu em Bucareste, Festspiele Mecklenburg-Vorpommern, Festival de Istambul, Al Bustan Festival (Beirute), Haydn Festival (Seul), entre muitos outros.

Paralelamente à sua intensa actividade concertística internacional, Juri Gilbo realiza também gravações de elevada qualidade. Um exemplo disso é o seu CD com obras de Carl Maria von Weber, lançado pela SONY MUSIC, que recebeu o prestigioso prémio Editor's Choice da conceituada revista Gramophone.



VLADISLAV LAVRIK

Trompetista solista, maestro e pedagogo, Vladislav Lavrik ganhou reconhecimento internacional como trompetista virtuoso antes de alcançar reputação como maestro.

Nascido em Zaporizhzhia, Ucrânia, numa família de músicos, Vladislav Lavrik estudou piano e trompete, tendo obtido mestrado em trompete no Conservatório Estatal de Moscovo. Destacando-se tanto no repertório clássico como no jazz, atuou como solista nas principais salas de concerto russas e estreou-se nos EUA aos 22 anos, como solista, interpretando um arranjo de Rhapsody in Blue de Gershwin com a Orquestra Nacional Russa no Paramount Theater de Seattle. Tocou como solista no Concertgebouw de Amesterdão, Filarmonias de Berlim e de Colónia, Elbphilharmonie de Hamburgo, Casino Bern, Salle Pleyel (Paris), Palais des Beaux Arts (Bruxelas), Lincoln Theater (Napa Valley), Teatro Municipal (Rio de Janeiro) e em muitos outros locais na França, Itália, Alemanha, Países Baixos, Suíça, Reino Unido, EUA, Canadá, Brasil, Uruguai, Emirados

Árabes Unidos, Coreia do Sul e Coreia do Norte.

De 2008 a 2022, Lavrik foi Professor de Trompete no Conservatório Estatal de Moscovo. Em 2016 recebeu o Prémio Presidencial Russo para Jovens Artistas, e em 2021 foi nomeado Artista Meritíssimo da Federação Russa.

Lavrik foi diretor artístico e maestro principal de duas orquestras russas – a Orquestra Sinfónica Filarmónica de Tula e a Orquestra de Câmara Filarmónica de Orenburg

– e apresentou-se como maestro convidado e solista com a Orquestra Nacional Russa (realizando digressões pelos EUA e Ásia), Ensemble Orchestral de Bordeaux, Orquestra Filarmónica de Roterdão, Orquestra Sinfónica da Rádio de Frankfurt, Orquestra Internacional Rachmaninoff da Suíça, Orquestra Sinfónica Estatal da Rússia, entre muitas outras.

Tem também uma carreira ativa na ópera, dirigindo obras de Verdi, Puccini, Tchaikovsky, Rachmaninov e Rimsky-Korsakov. Desde que se mudou para Berlim em 2022, os seus compromissos incluem colaborações com a Orquestra Filarmónica de Jena, a Orquestra Internacional Rachmaninoff e uma série de Concertos pela Paz em Berlim.

Lavrik tem estado ativo em projetos musicais para crianças, incluindo programas de musicoterapia para crianças com deficiências nos EUA e Rússia. Colaborou com Chris Brubeck no musical infantil Hermitage Cats Save the Day, apresentado nos EUA (Nova Iorque, Washington D.C., Tuscaloosa, Alabama) e na Rússia (São Petersburgo).

A C T I V I D A D E S

ENSAIO ABERTO CLASSIC FEST

01 OUTUBRO • QUARTA • 10H

Teatro Municipal de Bragança
Ludwig van Beethoven Sinfonia N.º 3, Opus 55, “Heróica”
Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias Bastien
Nuno Coelho Direcção Musical

MASTERCLASSES CLASSIC FEST

03 OUTUBRO • SEXTA • 18H30

Conservatório de Música e Dança de Bragança
Masterclasse de Violino e de Viola d’Arco
Lars Anders Tomter
Professor da Academia Superior de Música de Oslo

09 OUTUBRO • QUINTA • 18H30

Conservatório de Música e Dança de Bragança
Masterclasse de Piano
Filipe Pinto-Ribeiro
Director Artístico do Bragança ClassicFest

C A L E N D Á R I O

27 SETEMBRO • SÁBADO • 18H

CONCERTO DE ABERTURA

A Era de Ouro da Música Portuguesa
Basílica do Santo Cristo de Outeiro

01 OUTUBRO • QUARTA • 21H

A SINFONIA HERÓICA DE BEETHOVEN

Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias
Teatro Municipal de Bragança

02 OUTUBRO • QUINTA • 21H

SCHUBERT & BEETHOVEN: SINFONIA & CONCERTO

Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias
Teatro Municipal de Bragança

03 OUTUBRO • SEXTA • 21H

AMORES E DESAMORES DO BARROCO ITALIANO

Ensemble L’Amoureux Empire
Igreja de São Francisco

04 OUTUBRO • SÁBADO • 21H

SCHUBERTÍADA

DSCH Shostakovich Ensemble
Teatro Municipal de Bragança

09 OUTUBRO • QUINTA • 21H

MOSAICO MODERNO: DE PIAZZOLLA AO SÉCULO XXI

Quartz Quintet
Igreja de São Francisco

10 OUTUBRO • SEXTA • 21H

SCHUMANN & DVOŘÁK: MUNDOS ROMÂNTICOS

Juventus Ensemble & Filipe Pinto-Ribeiro
Igreja de São Francisco

11 OUTUBRO • SÁBADO • 21H

GALA DE ENCERRAMENTO

Orquestra Philharmonia Frankfurt
Teatro Municipal de Bragança

I N F O R M A Ç Õ E S

info@classicfest.pt
+351 939 083 383
classicfest.pt

Teatro Municipal de Bragança

Praça do Professor Cavaleiro Ferreira, 5300-252 Bragança

Igreja de São Francisco – Convento de São Francisco

Rua de São Francisco, 5300-037 Bragança

Basilica de Santo Cristo de Outeiro

Rua do Santo Cristo, 5300-711 Outeiro

BILHETES À VENDA EM:

Teatro Municipal de Bragança

telefone: 273 302 744

e-mail: bilheteira@cm-braganca.pt

teatromunicipal.cm-braganca.pt

ticketline.pt e nos locais habituais

E Q U I P A

Organização

Câmara Municipal de Bragança

Teatro Municipal de Bragança

DSCH – Associação Musical

Director Artístico

Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo

Paulo Veríssimo da Silva

Directores Assistentes

Rosa Maria Barrantes

e **Tiago Pinto-Ribeiro**

Produção e Comunicação

Andreia Carvalho

Assistente de Produção e Direcção de Cena

João Mendes

Imagem Gráfica do Festival e Catálogo

Marco Grieco

Fotografia e Vídeo

Andreia Carvalho

Site

AWD

Impresso por

Onda Grafe

Setembro 2025

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

ORGANIZAÇÃO



MECENAS



APOIO



PARCEIROS MEDIA



RTP



ANTENA 2





classicfest.pt